

**A
SENHORA
APARECIDA**

Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)

Edições Cristãs

ÍNDICE

Prefácio
Devoto da Senhora Aparecida
Fui padre devoto da Senhora Aparecida
Nem a ganância, meta primordial dos clérigos
“aparecídicos”, me abriu os olhos
A surpreendente revelação
A verdadeira história da Senhora Aparecida
A razão do novo surto do “aparecidismo”
A Santacap, “Capital Mariana” do país
A rosa de ouro
Os milagres de Aparecida
A imagem em pedaços e o benzimento de João Paulo II

.oOo.

PREFÁCIO

No dia 24 de junho de 1967 apresentei este livro ao público brasileiro com as seguintes palavras: *“A passagem do 250º aniversário da ‘Senhora Aparecida’ oferece ao clero romano uma outra oportunidade para, neste ano de 1967, recrudescer a propaganda de sua seita neste País infelicitado pelos seus embustes.*

Proporciona-me, outrossim, o feliz ensejo de apresentar aos meus patrícios o relato verdadeiro sobre a ‘aparição da santa’.

Sentir-me-ei recompensado pelo fato de poder contribuir assim com o esforço do nosso povo no sentido de sua emancipação religiosa”.

Com efeito, cumulou-me Deus com muitas recompensas a autoria destas páginas.

Reconheço-me compensado pelas inúmeras pessoas que, ao lerem-nas, se libertaram do embuste. Compensado pelas centenas e centenas de almas que, libertas da aparecidolatria em resultado de sua leitura, se renderam a Jesus Cristo e por Ele foram salvas. Compensado pelos sofrimentos a mim impostos da parte dos interessados em usufruir as rendas produzidas com a exploração da Senhora Aparecida, como aconteceu a Paulo Apóstolo quando, em Éfeso, a Verdade do Evangelho punha em perigo o lucro dos fabricantes de imagens da Senhora Diana e os promotores da dianolatria.

O meu grande título de glória reside nesses sofrimentos. E a sofrer mais me disponho conquanto isso resulte na promoção do Nome Sacrossanto de Jesus Cristo e na salvação das almas.

Este livro, cuja 10ª edição agora sai a lume, todo refundido e recheado de novos fatos, é de uma atualidade permanente porque o aparecidismo prossegue em seu nefasto programa de iludir os ingênuos e estimular a idolatria com a sua sequência de horrores.

O simples relato do episódio da “descoberta” da imagem e a exposição de alguns dentre os muitos fatos vinculados à Aparecida são chocantes em sua contundência.

Daí a oportunidade deste livro. Aliás, a Aparecida demonstra de maneira gritante ser o catolicismo romano o mesmo de sempre. E refratário a qualquer substancial transformação, apesar dos propalados intentos renovadores do Concílio Ecumênico Vaticano II.

A Aparecida não se constitui em anomalia num organismo em renovação. Aparecida, conforme demonstram o interesse da hierarquia episcopal em seu favor, a construção da sua enorme Basílica e a munificência pontifícia de Paulo VI ao lhe enviar, através de um cardeal,

seu legado “a latere”, a ROSA DE OURO, nas comemorações do jubileu de 1967, Aparecida se integra soberana na estrutura do catolicismo romano, que é sempre o mesmo na sua pertinácia antievangélica e idólatra.

Atual e oportuno continua este livro. A sua 10ª edição prosseguirá a tarefa de disseminá-lo Brasil afora. E Deus continuará a abençoá-lo como instrumento da Sua misericórdia em benefício das almas para libertá-las do pecado e da iniquidade da idolatria.

Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)

Araçatuba, 26 de setembro de 1974

.oOo.

DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

No clima profundamente religioso da minha família, aprendi, desde muito criança, a ser ardente devoto da Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, segundo pretende o clero.

Como bons católicos, enviaram-me meus pais, aos seis anos de idade, ao catecismo paroquial na igreja matriz de São Joaquim da Barra (Estado de São Paulo), minha terra natal. Lembro-me perfeitamente. Foi no último domingo do mês de maio de 1931. Nossa aula de catecismo terminara mais cedo, antes das 3 horas, por causa da procissão do encerramento de maio, o “Mês de Nossa Senhora”...

Sob a celeuma da enorme azáfama ressoavam as naves do templo. As “Filhas de Maria” davam os retoques finais nos andores. O de “São” Benedito, todo de amarelo, deveria sair: “Onde já se viu procissão sem a sua presença?”. O de “São” Sebastião, que só saía em sua festa, em janeiro, neste ano desfilaria no encalço dos outros em cumprimento de uma promessa de um dos Junqueira, família abastada da região. O da “Imaculada Conceição” estava sendo ornamentado na casa de Dona Sara, a presidente da Pia União das Filhas de Maria. Iríamos vê-lo na procissão. Reinava irrequieta curiosidade na expectativa de uma grande e agradável surpresa. A imagem precisava ser mesmo um

deslumbramento porque seria coroada ao final da procissão, sob a chuva intensa de multicoloridos fogos de artifício.

Raríssimamente nosso vigário, o padre Eugênio, aparecia no catecismo. Aos domingos à tarde, o seu grande compromisso se resumia em, cervejando, jogar baralho no bar do Paulo Trombini, ao lado do cinema local.

Naquele dia ele foi. Insofrido, depois de haver explicado que cada país, cada estado, cada cidade tem um santo protetor, contou-nos que o papa declarara “Nossa Senhora Aparecida” padroeira do Brasil. Elucidou, ainda, que Maria “Santíssima” é uma só e que as diversas e muitas denominações a ela atribuídas não supõem diversas “nossas senhoras”. É uma só! Tendo, porém, se manifestado em Lourdes, é chamada “Nossa Senhora de Lourdes”; tendo aparecido em Fátima, é dita “Nossa Senhora de Fátima”, etc. Relatou-nos também como apareceu “Nossa Senhora Aparecida” no Rio Paraíba. Explicou que o Rio Paraíba não ficava no Estado desse nome, porém no Estado de São Paulo. Informou-nos ainda na sua pressa que no dia 31 daquele mesmo mês de maio, no Rio de Janeiro, a então Capital da República, haveria uma grande festa, com a presença de todos os bispos do País, para coroar rainha do Brasil a “Senhora Aparecida”.

Lembro-me, outrossim, do meu encantamento quando na procissão vi o andor dessa senhora, o mais lindo de todos. Todo iluminado, ornamentado de lantejoulas e ladeado de duas bandeiras brasileiras e rodeado de pajens trajados de veludo azul. E a imagem sobre o globo terrestre onde apareciam os contornos do mapa de nossa pátria.

No sermão o padre convidou os fiéis para assistirem à missa no dia 31 em regozijo pelas solenidades a se darem no Rio de Janeiro, oportunidade em que, a propósito, contaria os fatos relacionados com a aparição da “miraculosa santa”.

* * *

Com efeito, nesse dia, relatou:

“Certa ocasião, o Governador da Capitania de São Paulo, Conde de Assumar, em viagem para Minas Gerais, pernitoou em Guaratinguetá, no norte de nosso Estado. Então a Câmara local decidiu oferecer-lhe um banquete com uma grande variedade de pratos à base de peixe. À ordem dada pela Câmara, os três pescadores, Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, foram ao Rio Paraíba, em cuja margem direita se localiza a cidade de Guaratinguetá. Princiapiaram as suas tentativas de pesca no Porto de José Corrêa Leite, descendo até ao Porto de Itaguassú, onde João Alves, ao lançar sua rede, colheu, entre alguns peixes, o corpo de uma imagem, sem cabeça. E, ao repetir a operação mais abaixo, estupefato, verificou, envolta nos fios da tarrafa, a cabeça da estátua.

Os esforços, antes improficuos, tornaram-se compensados com o êxito da abundante pescaria. A cabeça ajustou-se exatamente ao corpo da imagem e, maravilhados, os pescadores viram ambas as partes colarem-se fixamente, apenas encostadas. Foram os dois primeiros milagres da ‘Senhora Aparecida’ no Rio Paraíba, aos 13 de outubro de 1717”.

E prosseguiu o vigário no seu conto:

“Felipe Pedroso, piedosamente, levou o achado para a sua casa, onde o conservou pelo espaço de seis anos. Muita gente da redondeza ia, especialmente aos sábados, rezar diante do oratório. Muitos ‘milagres’ aconteciam e a devoção se divulgou.

Em 1743, construiu-se uma capela. Em 1846, iniciaram-se as obras de construção de um templo mais vasto, concluídas em dezembro de 1888 e permanecem na atual basílica”.

Findo o seu conto, o nosso vigário conclamou todos os fiéis presentes a se prosternarem ajoelhados para, em uníssono, repetirem uma reza à Senhora Aparecida coroada, naquela hora, lá no Rio de Janeiro, padroeira e rainha do Brasil:

“Escolhendo por essencial padroeira e advogada da nossa Pátria, nós queremos que ela seja inteiramente Vossa. Vossa sua natureza sem par, Vossas as suas riquezas, Vossos os campos e as montanhas, os vales e os rios. Vossa a sociedade, Vossos os lares e seus habitantes, com seus corações e tudo o que eles têm e possuem; Vosso, enfim, é todo o Brasil... Por Vossa intercessão, temos recebido todos os bens das mãos de Deus e todos os bens esperamos ainda e sempre, por Vossa intercessão...”

Demonstra essa fórmula, ainda outra vez, a abismal distância entre o Evangelho e o catolicismo...

Durante os anos do meu curso primário, sempre assisti e participei de comemorações de nossas datas nacionais, em cujos programas sempre se acentuou a Aparecida. Para mim, ser devoto da Senhora Aparecida era condição indispensável para ser bom brasileiro.

Concluído o curso ginásial, fui para Campinas (Estado de São Paulo) estudar no Seminário Diocesano “Nossa Senhora Aparecida”, onde não se ouvia um sermão sem que ela fosse mencionada. A jaculatória: “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós”, repetia-se ao final de cada dezena do rosário desfiado na enfadonha repetição da “Ave-Maria” defronte do altar-mor da capela encimado com a sua imagem.

Aconteceu em setembro de 1942 o IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo. A Senhora Aparecida foi intitulada “peregrina do Congresso”. Programou-se o comparecimento da VERDADEIRA IMAGEM. Então, certa noite, o diretor do Seminário foi à capela pedir rezas para que ela ficasse em São Paulo também durante os dias do Congresso.

E, depois de haver eu ouvido pela centésima vez o relato de sua aparição, o padre, naquela oportunidade, com intuito de elucidar os seus receios, destacou este pormenor:

“Depois de aparecida, os pescadores levaram a imagem para a casa de um deles, Felipe Pedroso, onde ficou alguns anos. Numa manhã, a família espantada deu pela falta da ‘santa’. Ansiosos, todos foram procurá-la. Encontraram-na, depois de tanta angústia, no alto da colina. Levaram-na, de novo, para o seu altazinho antigo, na casa do pescador. Poucas noites seguintes, repetiu-se o incidente. Desconfiaram os devotos que a Senhora queria ficar numa igreja construída no alto do morro.

Vieram as contribuições, a capelinha foi edificada e a imagem entronizada em seu altar, donde saíra uma única vez, em maio de 1931, quando fora levada ao Rio de Janeiro para ser coroada rainha e padroeira do Brasil”.

A estória de imagens fujonas, por carência de imaginação da parte do clero, se repete, como no caso da Penha, no Estado do Espírito Santo e no Rio de Janeiro, e na do Rocío, no Paraná.

Pobreza idêntica ocorre na aparição de tantas “Senhoras” a envolver, num fastidioso plágio, crianças subnutridas e anormais, como em Lourdes, Salete e Fátima.

Receava-se agora, esclarecia o padre, que “Nossa Senhora”, durante a noite voasse de São Paulo para a sua basílica em Aparecida do Norte.

Pedia-nos rezas e mortificações para que a “santa peregrina” se dignasse permanecer na Capital Paulista durante os dias do Congresso Eucarístico. Fervoroso devoto, rezei muitos rosários e fiz muitos “sacrifícios” nessa intenção.

A recepção da imagem aparecida constituiu-se numa das mais pomposas festividades daquele Congresso, cuja imponência se constata pelo milhão de pessoas a acompanhar a procissão do seu encerramento, quando a população de São Paulo ainda se encontrava aquém daquela quantidade de gente.

Conduzia-se processionalmente a estátua da “peregrina” todas as noites, da catedral da Praça da Sé, onde fora entronizada, para o Vale do Anhangabaú, com o fim de presidir as sessões solenes. Essas procissões, sem terem sido incorporadas no programa oficial das comemorações eucarísticas, se transformaram em alvoroçadas apoteoses.

Retornava a imagem, em seguida, para receber as homenagens das multidões a se revezarem dia e noite. O povo devoto permanecia ali aos pés da “santa peregrina” no desígnio de venerá-la condignamente porque – supunha-se – satisfeita, permaneceria em São Paulo até o fim das solenidades.

A imagem ficou. Foi exaltada em extremo. O Congresso, programado para ser eucarístico, acabou sendo “aparecídico”. Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, cognominado o arcebispo de “Nossa

Senhora Aparecida”, a confirmar o mérito desta alcunha, erigiu, na Várzea do Ipiranga, uma nova paróquia dedicada a essa senhora.

Mas, qual não foi o nosso desapontamento ao sabermos do engodo. A verdadeira imagem não viera a São Paulo! Recebêramos apenas um fac-símile! Encerradas as festividades do Congresso, fora entregue à recém-instalada paróquia! Alguns seminaristas se revoltaram e se julgaram vítimas de um ludíbrio.

“Rezamos tanto diante daquela imagem, supondo-a VERDADEIRA...”

Conformei-me por estar convicto de que o povo não merecia sua “augusta” presença... E porque “as autoridades eclesiásticas agiram com prudência”...

Afinal, todas essas circunstâncias suscitaram em minha alma um afeto entranhado à padroeira do Brasil...

.oOo.

FUI UM PADRE DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

Ao ordenar-me padre, em 1949, senti-me no dever de ir à sua basílica cantar uma missa, por sinal a segunda, porque cantara a primeira em minha terra natal. Nesse desejo, adquiri uma sua imagem, fac-símile, benta pelo padre superior do Convento, destinada por mim a me servir de companhia e penhor constante das bênçãos celestiais em favor do meu sacerdócio.

Entranhadamente devoto da Senhora Aparecida, oferecia, como presente, uma sua imagem fac-símile, a todas as noivas por mim abençoadas no casamento.

Completados dez anos de sacerdócio, recebi, como uma verdadeira promoção, minha transferência para Guaratinguetá, a cidade mais próxima de Aparecida. Localizada à margem direita do Rio Paraíba, no Estado de São Paulo, Guaratinguetá dista, pela Via Dutra, aproximadamente 220 quilômetros do Rio de Janeiro, 185 de São Paulo e 8 de Aparecida.

Fui nomeado pároco da novel paróquia de “Nossa Senhora da Glória”, no bairro do Pedregulho. Sua igreja que, de tão pequena, o povo cognominara de “igrejinha”, não oferecia condições para, realmente, ser uma matriz paroquial. Decidi, por isso, construir um vasto templo. Constituía-se-me imensa prerrogativa edificar essa obra consagrada à Virgem Maria, e sonhava com um templo majestoso erguido naquele

outeiro do Pedregulho a olhar a “Basílica Nacional da Padroeira”, plantada na colina de Aparecida. Lá do alto da torre da minha matriz, fiquei muitas vezes a contemplar a “Basílica da Rainha do Brasil”...

Eu odiava os evangélicos, aos quais chamava de hereges por combaterem “Nossa Senhora”.

Nesse tempo, apareceu lá em Guaratinguetá, um pastor. No seu desejo de esclarecer o povo, contratou, numa das emissoras radiofônicas locais, um horário para um programa evangélico.

Muitos católicos se descontentaram com as suas explicações. Um meu colega, o clérigo Oswaldo Bindão, no seu programa de rádio, decidiu responder ao pastor.

Estabelecida a polêmica, a cidade inteira se transformou em estádio para assistir a contenda. O coitado do padre pediu água em menos de uma semana.

Evidentemente, qualquer jovem das nossas Escolas Bíblicas Dominicais, com a Bíblia na mão, põe qualquer padre a correr.

Nós, os padres em Guaratinguetá, estávamos acuados, arrasados, com o fracasso do colega! E na certeza absoluta de que, se qualquer um de nós fosse responder ao pastor, cairia no mesmo ridículo. O pastor João de Deus Soares prosseguia dando os seus esclarecimentos. Nessas alturas, o assunto girava em torno de Maria, de cuja face o pregador retirava toda a caiação ignóbil que à Mãe de Jesus impôs o catolicismo ao logo dos tempos.

Naquela oportunidade, encerrara eu, com uma retumbante procissão, as festividades da padroeira da minha paróquia. O pastor evangélico botou água na fervura do meu entusiasmo, criticando o meu desfile mariano e citando Isaías 45.20: **“Congregai-vos e vinde; chegai-vos todos juntos, vós que escapastes das nações; nada sabem os que carregam o lenho das suas imagens de escultura e fazem súplicas a um deus que não pode salvar”**. Transtornei-me de cólera!

Noutro dia, o pastor resolveu apresentar aos seus radio ouvintes os pontos coincidentes entre a Diana dos efésios e a Aparecida dos brasileiros, à luz do relato de Atos dos Apóstolos 19.23-41.

Nós não tínhamos a força de argumento. E o jeito foi apelar para o argumento da força! E, se demorássemos, perderíamos muitos dos nossos melhores fiéis...

A mentira, a calúnia, o achincalhe são os melhores argumentos para os covardes sem argumento.

Incumbiram-me de resolver o problema. Apelei para a violência, comandando um batalhão de fanáticos. E, em menos de uma hora, num domingo à noite, foi destruído inteiramente o templo do pastor João de Deus Soares, lotado de pessoas participantes do culto. A Senhora Aparecida deve-me também este favor!

No dia imediato, no programa “Marreta na Bigorna”, da Rádio Aparecida, o clérigo Galvão, desatou uma gargalhada satânica e parabenizou os católicos de Guaratinguetá pela façanha...

O arcebispo de São Paulo congratulou-se vivamente comigo e, horas após o nosso encontro, declarou, por um grande jornal de São Paulo, que lamentava os fatos ocorridos em Guaratinguetá.

O clero católico é a hierarquia dos homens de duas caras!!! Dos refolhados!!!

Estreitíssimas mais ainda se tornaram minhas relações com os padres responsáveis pela Basílica de Aparecida, em cujo convento se fabricava, exclusivamente para o consumo interno, cerveja mui apreciada entre os reverendos.

No trato com os clérigos seculares, constatei a falta de amor fraterno entre eles. Supunha, todavia, que houvesse entre os regulares ou conventuais, como os franciscanos, jesuítas, dominicanos, salesianos, redentoristas. Engano!

Entre estes últimos, que são os responsáveis pela Basílica e de quem mais me aproximei, acontece a mesma carência, senão pior.

Lá dentro do seu convento, ao lado da “rainha” do Brasil, os padres se estracinham com ódio extremado. Os apelidos são os mais humilhantes. Havia lá o “padre Tortinho”, o “padre Marreta”, o “padre Aventura”, o “padre Zoraide”, o “Madame Fifi”... E de cada um havia um motivo especial indicado pelo próprio vocábulo...

.oOo.

NEM A GANÂNCIA, META PRIMORDIAL DOS CLÉRIGOS “APARECÍDICOS”, ME ABRIU OS OLHOS...

Sentia, outrossim, a frieza espiritual naquele ambiente de clérigos, profissionais da religião. Sempre os vi tratando das coisas de sua seita com ganância sórdida. Só lhes interessava o que dá lucro.

A respeito de qualquer assunto, a pergunta é sempre a mesma: “Quanto rende?” E vem acompanhada do sinal característico de se friccionarem as pontas dos dedos polegar e indicador.

E fazem praça disso até na sua emissora. Certa feita, chegou uma carta, perguntando sobre as riquezas da Senhora Aparecida. Respondeu-a Victor Coelho de Almeida, no seu programa radiofônico: “Sim, ‘Nossa Senhora’ é muito rica. Rica mesmo! Ela tem hotéis,

restaurantes, bares, casas de aluguel (muitas casas de aluguel!), kombi, peruas, automóveis. Ela tem muito dinheiro... Dinheiro que os seus fiéis mandam e trazem... Ela tem muitas joias, anéis, braceletes, colares. Ela tem muito ouro e pedras preciosas. Até a princesa Isabel lhe deu preciosas joias. Quem tem ouro e pedras preciosas, mande para 'Nossa Senhora'..."

A cupidez é tamanha que as suas lojas não respeitam sequer o domingo. Se se cerrarem as suas portas, deixarão de ganhar no dia de maior afluência de peregrinos aos padres e, a propósito, estão situadas ao lado da Basílica e anexas à porta de entrada da emissora. Ao entrar no templo, porém, depara-se com a proibição terminante de acender velas. Apresenta-se-lhe, outrossim, a solução: deixar o brandão numa caixa adrede colocada ao lado do altar da "padroeira". O "pagador de promessa" sai na doce ilusão de que o padre vai, em sala adequada, queimar a sua vela em honra à santa. Engana-se, porque um dos sacristães recolhe todas as velas ali depositadas, levando-as novamente para a loja. E a vela do devoto caiu no círculo rendoso dos clérigos. Sai da loja. Vai para a caixa da Basílica. Volta à loja. De novo, na Basílica... E o dinheiro cresce na "caixa registradora"...

Tudo lá é comercializado! E os redentoristas não admitem concorrência, nem por parte dos seus colegas de outras igrejas. Num fim de ano, um sacerdote do Rio de Janeiro, com o objetivo de angariar fundos para a construção de um templo, instalou, num terreno alugado, um presépio mecanizado e movido a eletricidade, cobrando dos interessados o ingresso ao local. Pois os padres da Basílica protestaram e obrigaram ao coitado a arrumar "a trouxa e dar o fora". Todo o mundo só pode ver o presépio deles para lhes deixar o dinheiro. Em Aparecida, arrecadação de esmolas é direito reservado... De todas as partes afluem contribuições para seus cofres. Mas ninguém pode ir lá colher uma migalha... A ganância atinge os paroxismos da usura!

Fui convidado para celebrar um casamento de pessoas amigas e muito ricas. Por ser sábado à tarde, havia muitos outros. Os noivos, meus amigos, pagaram todas as elevadas propinas estabelecidas pela direção do santuário aparecidano. Na conformidade em que os noivos adentravam no templo, ao som da "marcha nupcial", um servente da Basílica enrolava o grosso tapete de veludo grená. É que, logo atrás, entrava um par de nubentes pobres. Não lhes permitiram as posses pagar a taxa referente ao tapete e tiveram de passar, "sob os olhares maternais da incomparável protetora dos brasileiros", por essa humilhação. O pior ainda aconteceu depois! Chegados junto dos degraus do altar da Senhora Padroeira, foram embargados seus passos pelo referido servente, que os encaminhou a um altar lateral. A noiva, desconsolada, explicou ao sacerdote celebrante de suas núpcias que viera do Paraná precisamente para casar-se no altar da "rainha" em cumprimento de uma promessa. Inúteis seus rogos e vãs as suas

lágrimas... O padre, irritado, alegou que essa promessa não tinha valor algum e “mastigou”, em cinco minutos, a fórmula ritual.

Tudo isso me indignava. Mas tudo isso consolidava ainda mais a minha devoção à Senhora Aparecida. Compadecia-me dela por vê-la cercada desse deboche e explorada por essa chusma de crápulas.

Um bispo do interior paulista tem carradas de razão ao afirmar que a Aparecida é a vergonha do catolicismo no Brasil!

O Concílio Ecumênico Vaticano II, falido desse seu início, foi incapaz de modificar essa situação sempre interessante para o clero cúpido, em cujo peito, ao invés de coração, encontra-se instalado um cofre.

O Ministro Mário Andreazza, dos Transportes, a convite, visitou Aparecida, em 13 de julho de 1969. Cercaram-no de salamaleques os clérigos chefiados pelo arcebispo aparecidólatra, o cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, com a sua ladainha de reivindicações em favor da construção da nova Basílica e de outras obras católicas. Surpreendendo o cardeal e os seus sabujos, incontido e sem subterfúgios, o Ministro demonstrou a sua desaprovação à permanência, ao redor da Basílica, das “caixinhas” (pequenas bancas onde são vendidos santinhos, imagens e outros apetrechos aparecídicos).

Quase todos os dias frequentava eu a Basílica, onde permanecia muito tempo rezando, de joelhos, o rosário diante da imagem.

Desde tenra infância, ansiei por certeza de minha salvação eterna. Procurei-a em inúmeras devoções a mim sugeridas ou aconselhadas. Busquei-a no exercício do ministério sacerdotal católico. Macerei-me, chicoteei-me, jejei... Vali-me da prática da caridade, criando e dirigindo obras sociais. Tudo em vão... Em meu livro: **“ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA”**, minha biografia, relato os dolorosos lances do meu longo e dilacerante drama interior.

Tomei-me de esperanças quando cheguei a Guaratinguetá. Imensa era minha expectativa de encontrar na Senhora Aparecida a bênção da certeza da vida eterna.

Por isso, ia amiúde à igreja rezar longos rosários defronte da sua imagem, no aguardo de uma resposta celestial...

.oOo.

A SURPREENDENTE REVELAÇÃO

Numa tarde de quarta-feira, no começo do ano de 1961, em seguida às funções rituais da “novena perpétua”, a que eu assistira, um sacerdote (com um psiu!), tirou-me do meu recolhimento devoto.

Aproximei-me dele.

Perguntou-me à queima-roupa:

“O que você vem fazer aqui quase todos os dias?”

“Rezar à ‘Nossa Senhora Aparecida’”, respondi-lhe. E, ante o sorriso gracejador do padre, esclareci: “Sou muito devoto de ‘Nossa Rainha’ e espero dela todas as graças necessárias para a minha salvação eterna...”

Não pude falar mais porque o padre me interceptou com vivacidade:

“Você parece um beato vulgar. Que lhe poderá dar esta estátua de barro? Ela não tem valor algum. Nós gostamos dela porque nos traz muito dinheiro”.

E, levando as duas mãos aos bolsos, fez o gesto significativo de quem carrega vultosas somas.

Pálido, arrisquei a pergunta:

“Mas... E os padres não crêem em ‘Nossa Senhora Aparecida’?”

Um retumbante NÃO abafou as últimas sílabas da minha interrogação.

“Ela não vale nada, Tanto assim que, se cair do altar, ela se quebra. É de barro!!!”

Saí da Basílica atordoado. Passei a noite seguinte em claro, rememorando os fatos e tirando conclusões. Aterrorizado, sentia esboroarem-se as restantes ilusões da minha vida religiosa.

Encorajado pelo propósito de servir a Deus desvencilhado de todos os embustes, decidi levar até as consequências extremas a minha investigação sobre o assunto.

Não me foi muito difícil. Aproveitei a franqueza daquele sacerdote e, noutro dia, abordei-o novamente. Relatou-me ele os verdadeiros fatos relacionados com a imagem da Senhora Aparecida. Relato este confirmado ulteriormente por outros sacerdotes, seus confrades conventuais.

Compaço-me do brasileiro... Povo de excepcionais qualidades. Inteligente e dotado de sentimentos primorosos. Capaz de heroísmos e tão paciente... Haverá, porventura, povo mais paciente que o brasileiro? Quanta esperança ele vem revelando em tanto sofrimento... Em tanta exploração a que é submetido.

Muitas vezes ludibriado em sua boa fé. Porém sempre confiante. É um crime de lesa-humanidade explorar-se esse povo. Por isso estou revelando estas informações. Desejo ardentemente cooperar com esse povo excepcional em sua libertação dos embusteiros. Eu sei perfeitamente que recrudescerão as perseguições movidas pelo clero contra mim. Mas vale a pena sofrer pela emancipação espiritual do Brasil.

Ao preparar a nova edição deste livro, recordo-me das muitas almas, anteriormente devotas sinceras da “padroeira do Brasil”, pela instrumentalidade destas páginas, libertas da aparecidolatria e convertidas a Jesus Cristo. Lembro-me, por exemplo, de Dona Glorinha, residente no interior capixaba. Devotíssima da “incomparável Senhora”, em romaria, visitava-lhe a imagem pelo menos uma vez cada ano. Pessoa amiga oferecera-lhe um exemplar deste livro. A curiosidade

sobrepujara o seu propósito de recusar a sua leitura, pois temia ofender a sua Senhora Aparecida. Guardá-lo-ia por alguns dias e o devolveria ao proprietário, um crente fiel e ansioso por esclarecer os iludidos. Sua curiosidade, porém, superou a força do seu propósito.

Lendo-o, revoltou-se contra o escritor, atirando-lhe, apesar de distante, insultos pesadíssimos. Quis buscar alívio para os seus remorsos por ter feito semelhante leitura. E foi a Aparecida confessar o seu grande pecado (???)

O sacerdote confessor recriminou-a asperamente por haver lido o livro do “padre excomungado”. E impôs-lhe, como penitência, a reza de longas devoções diante do altar da “santa”.

Concluída a penitência imposta, saiu à compra de “lembranças” destinadas a parentes, comadres e companheiras da Irmandade do Sagrado Coração. Separara já medalhas, xícaras, copos, canecos, pratos, quadros... Tudo com dísticos ou decalques da “senhora”.

Chegava ao fim a sua tarefa de selecionar as “lembranças”, quando os seus olhos se esbugalharam numa coisa horrorosa. Esbugalharam-se num pinico a exhibir, colada no seu fundo, a estampa da “incomparável Aparecida”.

Indignada, deixou todas as bugigangas sobre o balcão e o comerciante falando sozinho.

Regressou à casa. Releu o livro. Procurou o seu proprietário. Ouviu-lhe as explicações pormenorizadas sobre o plano de salvação do pecador.

Rendeu-se. Renunciou à idolatria. Arrependeu-se. Converteu-se. Aceitou pela fé Jesus Cristo como o seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR. Crente consagrada, hoje conta a sua experiência de conversão no intuito de levar a Verdade do Evangelho a tantos pobres escravos da aparecidolatria.

* * *

Brasileiros, a Senhora Aparecida é uma falcatrua! É um conto do vigário!

Você, que se supõe seu devoto, está sendo enganado! Você, que tem em sua casa a sua imagem e lhe acende velas, está sendo ludibriado! Você, que lhe manda esmolas, está sendo esbulhado! Você, que vai em romarias à sua Basílica, está sendo ridicularizado!

Sim, senhores! Eu vi os padres zombarem e pilheriarem dos romeiros... Vi-os praguejar os devotos romeiros que colocam no “sagrado cofre” notas velhas e rotas a lhes exigirem consumo de adesivos...

A um deles, um devoto perguntou:

“Seu vigário, por que a Senhora Aparecida é morena?” Eis a resposta: “Porque ela é de barro!!!”

Pobre povo que confia numa protetora feita de barro...

.oOo.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA SENHORA APARECIDA

Vou relatar os fatos verídicos referentes à imagem dessa Senhora. Localiza-se o início de sua estória no período da Civilização Brasileira.

Corriam muitas lendas sobre descobertas de jazidas riquíssimas de ouro e outras preciosidades. O contágio do entusiasmo atingia as vascas do fascínio. O povo paulista, sobretudo, ardia numa febre desvairada provocada pelas lendas das esmeraldas, as valiosíssimas pedras verdes, cujas montanhas se encravavam quais seios úberes em plena selva.

Este sonho acutilante é que produziu as maiores epopeias das nossas Bandeiras, uma das mais empolgantes páginas da História-Pátria. Se não descobriam as montanhas verdes das esmeraldas, os bandeirantes plantaram cidades e dilataram o território nacional apertado até então na faixa estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, imposto pelo papa Alexandre VI aos descobridores espanhóis e portugueses.

Sim! Essas Entradas é que desbravaram o sertão, devassando e conquistando, com sua audácia, o imenso território do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Mato Grosso, do Paraná, de Goiás e de grande parte de Minas Gerais porque a “bota de sete léguas” dos bandeirantes chutou os limites de Tordesilhas...

A miragem das montanhas de pedras verdes ardeu, por décadas, na mente de muitos brasileiros do Planalto de Piratininga. Fulgurou, sobre tudo, no espírito do indômito Fernão Dias Paes Leme, o bandeirante por antonomásia, cuja morte, em plena selva, transferiu para Sebastião Raposo Tavares o fascínio de desvendar o segredo daquela descoberta alucinante.

O fim desastrado da jornada de Raposo Tavares, em 1713, entretanto, assinalou o último sonho das esmeraldas, que deixou, em São Paulo, qual cicatriz, um profundo sentimento de frustração.

É de se notar que, à exceção de uma ou outra, todas as Bandeiras, iniciaram sua jornada saindo do Planalto Piratiningano pelo Rio Paraíba, em cujo vale deixavam, como rastro, uma enorme expectativa na alma do povo.

Se as esmeraldas, porém, foram uma quimera não transubstanciada em realidade, diferente resultado ocorreu com o ouro, explorado em Minas Gerais, o causador do incêndio de irresistível cobiça, origem de muitos crimes e inomináveis traições.

Naquela época em que o Brasil era Império de Portugal, não se dividia ele em Províncias ou Estados como hoje. Repartia-se em Capitânicas, dirigida cada qual por um governador nomeado por El Rei português e vindo diretamente de Além-Mar.

O Governador Dom Braz Baltazar da Silveira não mais conseguiu pôr cobro às desordens reinantes na Capitania de São Paulo e Minas Gerais, de sua jurisdição, nem reprimir o contrabando do ouro e, muito menos, coletar os impostos estabelecidos pela Coroa Real.

El Rei Dom João V houve por bem, nessa conjuntura, chamar o inábil Governador e substituí-lo. E, em junho de 1717, o Capitão Geral, Dom Pedro de Almeida, Conde de Assumar, aportou no Rio de Janeiro, donde, via Santos, se encaminhou, incontinenti, para São Paulo, aos 4 de setembro de 1717.

Num ambiente tranquilo e, ainda, oprimido pelas frustrações da Bandeira de Raposo Tavares, o novo Governador, aos 4 de setembro de 1717, foi empossado no seu cargo.

Ao contrário de Piratininga, nas Minas Gerais, o clima era de exaltação incendiada pela ganância de ouro, cuja mineração provocava os mais pacatos.

Competia ao Governador recém empossado restabelecer a justiça, recolher os impostos e exigir o retorno da ordem.

* * *

O Conde de Assumar toparia com uma barreira formidável a lhe embargar a consumação dos seus propósitos.

É que os frades eram “dos elementos mais perniciosos entre os que tinham entrado e continuavam a entrar com as avalanches, que enchiam aqueles distritos, e não só porque se entregavam desenfreadamente ao ganho como todo aquele mundo, mas ainda porque, valendo-se do seu ascendente sobre o espírito da massa, eram quase sempre os promotores de todas as desordens”.

Desgraçadamente os compêndios de História do Brasil adotados por nossas escolas aureolam os padres e os frades do tempo da nossa Civilização com as glórias de heróis. Os seus autores sabem que, se disserem a verdade, os seus livros não terão guarida nos ginásios, em grande parte, dirigidos, maquiavelicamente, por padres e freiras, ou que deles recebem “orientação”.

Aquelas nossas informações, acima aspadas, são de Rocha Pombo, registradas em sua História do Brasil (Rio de Janeiro – 1905, volume 6, página 245), cuja PRIMEIRA EDIÇÃO deveria ser lida por todo intelectual patricio.

Destaco em caixa alta a PRIMEIRA EDIÇÃO porque as subsequentes foram criminosamente resumidas e mutiladas. Destas podaram-se todos os informes sobre latrocínios, extorsões, atrocidades e crimes cometidos pelos clérigos missionários.

A maioria dos brasileiros supõe que, naqueles tempos, Portugal açambarcava todo o ouro bateado pelos lavangeiros ou garimpado nos veios das rochas. Supõe, também, que, em tempos posteriores, a Inglaterra usurpou-o das bruacas lusitanas. Verdade é que o Reino estabelecia impostos, arrecadados pela quintagem, com o fim de beneficiar o seu erário.

Os frades, contudo, não vieram para o Brasil com missão de catequizar. O historiador Rocha Pombo, no passo já referido, informa-nos que o Conde de Assumar, dentre as questões a enfrentar, tinha de se haver com a da “expulsão de todos os religiosos regulares que não tivessem naquela Província do seu domínio uma função certa, própria do seu apostolado”.

Tinham esses “religiosos” (frades cognominados pela legislação romanista de “religiosos regulares”) outra incumbência bem diversa da apregoada e que causou graves prejuízos ao Brasil. Vieram carrear o ouro para o papa e para os seus conventos na Europa!

O ouro do Brasil, em grande parte, encontra-se ainda hoje em poder do Vaticano, que o faz ocupar o segundo lugar no mercado desse valor precioso, cujas reservas o papa deposita no Federal Reserve Bank, em Washington. O papado não ocupa o primeiro lugar no mundo nesse mercado porque preferiu trocar uma parte do seu ouro com outros valores, como dólares, que atingem a cifra astronômica de 90 bilhões, e em títulos de sociedades italianas avaliados em 9 trilhões de liras e de sociedades de outros países cotados em 8 bilhões de libras esterlinas. E essa riqueza fabulosa e atual do Vaticano o faz o maior acionário de todo o mundo!

No livro **“SERÁ QUE PODEMOS CONFIAR NOS PADRES?”**, de minha autoria, demonstro a incompetência intelectual e moral do clero romano quando se põe a ditar normas no sentido das reformas das nossas estruturas sócio-econômicas. Em seu último capítulo, intitulado **“O SUPER CAPITALISMO ECLESIAÍSTICO É AMEAÇADO PELA INSTABILIDADE POLÍTICO-SOCIAL DA ITÁLIA”**, patenteio o horror dos seus métodos de vampiro pantagruelicamente ganancioso e relaciono algumas das suas fabulosas e atuais fontes de riqueza.

Enquanto os brasileiros lutam, desesperados, para escaparem dessa situação de subdesenvolvimento estrangulante de nossas riquezas, o Ali-Babá do Vaticano se enriquece cada vez mais à custa dos investimentos do ouro e de outras riquezas levadas do Brasil pelos seus clérigos.

Convencido da gravidade da situação em Minas Gerais e da sua responsabilidade em recobrar a ordem, o Conde de Assumar decidiu interferir pessoalmente.

Deixando como seu substituto em São Paulo o oficial de grande patente Manuel Bueno da Fonseca, partiu, em fins do mesmo mês de sua posse (setembro de 1717) com destino a Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), em Minas Gerais.

Naqueles tempos remotos, essa viagem só podia ser feita via Vale do Paraíba (norte do Estado de São Paulo).

Guaratinguetá é uma das cidades desse Vale. Foi fundada à margem direita do Rio Paraíba, em 1641, pelo Capitão-Mor Dionísio da Costa, lugar-tenente donatário, e, por isso, gozava de grande prestígio até os fins do regime das Capitânias.

O Conde de Assumar chegou, com sua comitiva, nessa cidade, aos 12 de outubro. Prontamente, as autoridades locais, solícitas em aguardá-lo, promoveram-lhe toda sorte de homenagens e respeitos.

Por ser o catolicismo a religião oficial do Reino, o vigário destacava-se nas cidades como a autoridade mais importante. O “batizado” pelo padre equivalia ao registro civil. O casamento era só no religioso. Quem não era católico, como um criminoso lesa-pátria, não podia casar-se e nem registrar os filhos.

Esta posição do catolicismo outorgava aos vigários o ensejo de serem ótimos arrecadadores de riquezas para o pontífice de Roma.

Em Guaratinguetá, encontrava-se, como vigário, o jovem padre José

Alves Vilela. Como todo clérigo, conhecia perfeitamente a arte de bajular.

Pelo próprio fato de ser o catolicismo romano a religião oficial do Reino de Portugal, a nomeação dos bispos dependia inteiramente da indicação feita pelo Rei.

O padre Vilela sofria de “bispite” aguda. Do desejo desenfreado de ser bispo! Percebeu na passagem do Conde de Assumar por sua paróquia uma extraordinária oportunidade de, sabujando, credenciar-se às boas graças do Governador, que o apontaria a El Rei como candidato à mitra.

E mãos à obra! A par das demonstrações cívicas de respeito ao Governador promovidas pela Câmara, o padre Alves Vilela, como autoridade mais importante do lugar, programou festas religiosas de grande aparato para impressionar o homenageado.

Desde sempre o clero gostou de se valer de seu ritualismo litúrgico para engodar as autoridades civis com o objetivo de sugar-lhes subvenções ou propiciar clima para se manter prestigiado. Num dos nossos Estados, os bispos condenaram a candidatura de certo cidadão à governança. Feridas as eleições e vitorioso o candidato anatematizado, os “amantísimos ordinários” promoveram-lhe demonstrações de “afeto e deferência, culminando a sabujice, no dia de sua investidura, com uma missa de “ação de graças” mui solene.

Note-se, a título de informação, que o termo canônico designativo de bispo diocesano é “ordinário”.

Para se colocar bem diante do Conde Governador, preocupado e zangado com os clérigos baderneiros de Minas Gerais, “promotores de todas as desordens” (Rocha Pombo – loc. cit.), o padre Vilela tomou atitude oposta à dos seus colegas. Reconheceu na sua subserviência ao chefe da Capitania uma oportuníssima manobra para conquistar-lhe a simpatia.

Entre o clero há traidores dos padres traidores! Enquanto os frades de Minas traíam sua posição de aparentes catequistas, causando baderna, o padre Vilela manifestava-se servil.

Nas águas turvas da situação de descrédito em que imergiam os frades, o padre Vilela quis pescar um peixe gordo. O peixe de uma posição perante o Governador favorabilíssima às suas pretensões “bispais”. E, como o peixe se pega pela boca, alvitrou oferecer ao Conde um opíparo banquete.

Mas um desses banquetes de assinalar marco na história da culinária!

Notabilizara-se o Rio Paraíba pelas suas águas piscosas. Por isso, os

pratos em peixe distinguiam a cozinha valeparaibana. O banquete oferecido pela comunidade guaratinguetaense ao ilustre viajante, na programação estabelecida pelo incensador clérigo Vilela revelar-se-ia por grande fartura de peixes nas mais diversas modalidades de tempero.

O jovem e pretensioso vigário divisou no ambiente uma circunstância especialíssima para ser aproveitada naquele acontecimento. E decidiu capitalizar a seu favor a frustração do povo do Vale pelos insucessos das últimas Bandeiras, cujas miragens de esmeraldas se esboraram.

Decepcionado, todavia, não se descoroçoara o povo. Esperava encontrar alguma coisa de notável.

Desde o princípio de seu paroquiato, travara Vilela conhecimento com os pescadores de sua freguesia e da região. Deles, e somente deles, é que esperava a mais decidida colaboração nas suas festividades religiosas porque a pesca, naqueles tempos, acima mesmo da agricultura incipiente, se estabelecia como a mais importante fonte de riquezas do Norte da Capitania.

E, dentre os pescadores seus conhecidos, três se distinguiam pela espontaneidade em auxiliar, pela singeleza de sua fé e, sobretudo, pelo seu acatamento às solicitações do vigário. Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, os seus nomes!

Procurou-os, então, o clérigo Vilela, incumbindo-lhes da pesca para o banquete-homenagem.

Nem estranharam a dedicação e o interesse do seu vigário por aquela pesca. Supunham-no desejoso realmente de exaltar, à vista do Governador, as qualidades da cozinha da Vila, de lhe demonstrar respeito e, certamente, creditar a região a favores futuros.

Admirados, contudo, receberam no dia do banquete (13 de outubro de 1717), manhã cedo, as ordens do vigário no sentido de que lançassem suas redes no Porto de Itaguassú, próximo do Morro dos Coqueiros. Como ativos pescadores, sabiam que os peixes permanecem mais nas partes calmas do rio e não é possível pesca alguma junto de um porto, onde há tanta movimentação.

Toda aquela zona dispunha do Rio Paraíba como principal via de comunicações e transporte. E, dentre os portos, o de Itaguassú se notabilizara por servir vasta extensão.

Em vista de sua própria profissão, entenderam os pescadores a ineficácia da ordem extravagante do vigário. Mas, ingênuos e submissos, obedeceram.

Não lhes convinha desacatar o sacerdote ameaçador e capaz de praguejá-los e amaldiçoá-los.

Lançaram a rede na convicção de nada apanhar. Surpresos, porém, retiraram das águas uma imagenzinha de 0,40 metros de altura, talhada, em terra cota escura, nos moldes da Madona de Murilo, que o clero utiliza como símbolo da “IMACULADA CONCEIÇÃO” de Maria.

Decidiram guardar a imagem aparecida nas águas dentro do embornal e prosseguir além sua tarefa.

Obtida a quantidade de pescado exigida pelo clérigo anfitrião, foram à sua residência fazer-lhe a entrega.

E, jubilosos, na sua crença ingênua, mostraram ao padre, misturado na comitiva do Governador, a imagem aparecida.

Enternecido o vigário pelo sucesso do seu empreendimento, pois ninguém soubera e nem desconfiara da sua ida durante a madrugada ao Porto de Itaguassú para deixar nas águas aquela imagem, despejava suas expressões religiosas e deslambidas acentuando o “fator milagre” daquela descoberta.

Todo o povo daquela região presente em Guaratinguetá para receber o Governador Conde de Assumar, ludibriado em sua credulidade, exultou o “milagre” sucedido, vinculando-o à santidade do seu vigário e divulgou a notícia à distância.

“Arre! Se falharam as aventuras em busca de esmeraldas, o ‘milagre’ interveio para dar ao povo desiludido uma preciosidade muito maior!!!”, parafusava o padre que, de propósito, havia colocado a imagem nas águas do Porto de Itaguassú.

Na intenção de valorizar o enredo do seu estratagema religioso, achou melhor entregar a estátua a um dos pescadores, Felipe Pedroso, residente no sopé do Morro dos Coqueiros.

Retirando-se o Conde de Assumar no seguimento de sua viagem, os fiéis, em procissão, acompanharam o feliz pescador que, piedosamente, colocou, sob a emoção das circunstâncias, a imagem colorida entre os “santos” do seu tosco oratório.

Inglórios os esforços do vigário Vilela junto ao Governador! Tão assoberbado de problemas em sua curta estada no Brasil à testa da Capitania de São Paulo, não teve sequer a lembrança de sugerir a El Rei o nome do pároco de Guaratinguetá como candidato a bispo de alguma diocese do Reino.

Não se desesperançou o padre. Decidiu incentivar a devoção da senhora aparecida, promovendo atos religiosos na casa de Felipe Pedroso. Quem sabe se o seu nome assim ligado à estatua aparecida “milagrosamente” se encheria de fama e repercutiria nos ouvidos do supersticiosíssimo El Rei Dom João V, que ouvia missas sobre missas, distribuía dinheiro a rodo a quantos santos figuravam no calendário, enchia de ouro os conventos e, enlevado por violenta paixão à sua amante, a freira Paula, do Convento de Odívelas, alcançou do papa o título de Rei Fidelíssimo.

As esmolas lançadas, em grande cópia, no oratório da “santa” permitiram ao vigário sonhador da mitra episcopal repartir com o devoto Felipe Pedroso, que pôde obter numerário para comprar uma pequena fazenda e construir casa nova em Ponte Alta, também nas proximidades do Porto de Itaguassú, onde entronizou, em oratório novo, a imagem de terra cota aparecida.

A devoção mais importante e mais concorrida nesse local acontecia aos sábados à noite.

Sucedeu Felipe Pedroso, após a morte, na incumbência religiosa, o seu filho Atanásio. Um pouco arredio a essas beatices, este herdeiro achou melhor construir fora de casa uma capelinha para se ver livre das importunações dos devotos e transferiu a Silvana da Rocha o mister de puxar as rezas e os cânticos.

Primava a rezadeira-mor Silvana em dirigir o rosário dos sábados, incrementando a afluência dos humildes com animados bailes regados a pinga após a reza, na intenção de alegrar os devotos caboclos desprovidos de outros divertimentos.

Os anos se passaram e o nome do padre Alves Vilela, sem ser sugerido nas eleições dos bispos!

Em 1742, Dom João V foi acometido de uma paralisia que o imobilizou para sempre, apesar de suas treze jornadas às Caldas da Rainha (nas proximidades de Leiria, que atrai ainda muitas pessoas por ser uma das mais importantes estações termais de Portugal), escoltado por um exército de freiras e padres interesseiros.

O vigário de Guaratinguetá, agora já encanecido, porém esperançoso, mantinha-se ao par de todas as notícias vindas de Além Atlântico.

Conhecedor da carolice de El Rei e de sua magnanimidade em proveito dos clérigos, urdiu outra investida com objetivo de atrair as atenções “majestáticas” sobre si.

Certo sábado, em 1743, quando os devotos chegaram à capela, surpresos, deram pela falta da santa aparecida. Atônitos ficaram quando Silvana da Rocha desconhecia também o seu paradeiro, mesmo depois de se informar com Atanásio. Desesperados, correram falar com o vigário, que se fingiu surpreendido. Aconselhou-os, porém, a que dessem uma batida nas redondezas e que não se esquecessem de ir até o alto do Morro dos Coqueiros. Dóceis à orientação do padre, vasculharam todos os recantos e, por fim, subiram os rapazes ao Morro, onde, para alívio geral, encontraram a imagem encostada em uma pedra.

Nessa noite, o rosário foi rezado com mais fervor, os hinos mais vibrantes e o baile mais animado com cachaça abundantemente distribuída na algazarra do reencontro da Senhora Aparecida.

Noutros sábados, o fato misterioso se repetiu sem que os pobres devotos percebessem a mão do vigário atrás de tudo.

O padre Vilela, ao sentir-se seguro do êxito de seu plano, num sábado, foi até Ponte Alta puxar ele a reza. Desta feita, ainda outra vez, a busca da imagem fugidiva precedeu o ato religioso, porque o padre ainda outra vez retirara-a às ocultas e levara-a ao Morro. Então, na qualidade de vigário e ministro de Deus, aconselhou o povo devoto que se construísse no alto do Morro dos Coqueiros um templo para a “santa”.

“Nossa Senhora”, afirmava ele, “quer que se construa uma capela lá no alto do Morro”.

De imediato, foram abundantes os donativos. Todos queriam concorrer a fim de contentar os desejos da “santa” aparecida, no sentido

de que lhe erigissem um templo no cume do Morro dos Coqueiros, conforme havia interpretado o vigário aquelas fugas constantes.

Em cumprimento de exigências eclesiásticas, o padre José Alves Vilela valeu-se do Bispado do Rio de Janeiro, a cuja jurisdição canônica se submetia para requerer a devida licença a fim de edificar o templo. Recorde-se que o Bispado de São Paulo, a cuja jurisdição eclesiástica, posteriormente, pertenceram Aparecida e Guaratinguetá, somente foi criado em 1745.

Na esperança de divulgar nas altas rodas clericais o valor sobrenatural da “santa” aparecida, o que lhe poderia render prestígio junto a El Rei, salientou em seu requerimento: “... *que pelos muitos milagres que tem feito a dita Senhora, a todos aqueles moradores, desejam erigir uma capela com o título da mesma Senhora da Conceição Aparecida, no distrito da dita freguesia em lugar decente e público por concorrerem muitos romeiros a visitar a dita Senhora que se acha até agora em lugar pouco decente...*”

A provisão de licença foi passada na chancelaria do Bispado do Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1743. E tudo se tornou mais fácil, porquanto, Dona Margarida Nunes Rangel, proprietária do Morro dos Coqueiros, houve por magnanimidade fazer a doação de toda a colina.

Afluíram donativos abundantes e, a 26 de julho de 1745, o padre Vilela benzeu o templo e rezou nele a primeira missa, suspirando para que El Rei, o beato sonso Dom João V, se lembrasse dele nas escolhas dos bispos.

Já alquebrado pela idade avançada, morreu, como simples vigário de Guaratinguetá, o padre ambicioso e a Aparecida caiu na vala comum das pequenas capelas do interior brasileiro.

.oOo.

A RAZÃO DO NOVO SURTO DO “APARECIDISMO”

Em fins do século passado, Aparecida foi tirada da sua insignificância, onde permanecera por mais de cem anos após a morte de seu criador, o vigário José Alves Vilela.

Em 8 de dezembro de 1888, o bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho, benzeu um novo templo construído em substituição ao anterior erigido pelo sacerdote inventor da “santa”, e resolveu entregá-lo à administração de alguma ordem ou congregação religiosa.

A congregação dos padres redentoristas gozava, na época, de grande nomeada nos círculos romanistas, pois o seu fundador, o italiano Afonso de Liguori, além de ser canonizado santo, em 1839,

havia sido, em 1871, proclamado pelo papa Pio IX “doutor da Igreja”. Dentre as suas diversas obras literárias, destacam-se a “Teologia Moral” e as “Instruções e Método para os Confessores”, pelo seu conteúdo referido de normas utilizáveis com grande resultado no confessionário, o instrumento infernal da escravização das consciências.

Por causa da “importância” de Liguori, cresceu a influência de sua ordem religiosa e também, em razão de sua finalidade, que consiste em se disporem os padres, seus membros, a pregar missões populares. Distinguem-se estas por uma série de pregações retumbantes e fantasmagóricas como arremates de procissões imbecilizadoras.

Liguori estabeleceu a sua congregação para a Itália Meridional do seu tempo, com uma população rural ignorante e de sangue quente. Referindo-se a estes italianos, o clérigo redentorista Hitz observa: “Gostam das manifestações fortes... São superficiais, levianos, desmazelados, supersticiosos e apegam-se, sobretudo, às práticas exteriores da religião” (Hitz – “A pregação missionária do Evangelho”, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1962, página 181). Foi para conservar esse povo agrilhado às superstições romanistas, assim considerado pelos seus líderes religiosos, que Liguori determinou, com minúcias, os temas e os esquemas dos sermões das “santas missões” a serem pregadas por seus padres. No plano do fundador dos padres redentoristas, os fiéis devem, ao final desse trabalho, ser encaminhados ao confessionário para que se consume o seu cativo espiritual.

As “santas missões” dos redentoristas fundam-se num moralismo antropocêntrico, infinitamente distante do Evangelho. Aliás, servem bem ao romanismo, cujo ritual coloca o endeusamento da criatura acima de tudo.

O bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho, julgou os brasileiros semelhantes aos depreciados italianos meridionais por estarem também os nossos patrícios, seus contemporâneos, encharcados das superstições católicas. E entregou o templo da Senhora Aparecida à direção dos padres redentoristas em fins de 1894.

Esses padres, incontinenti, começaram suas incursões fanatizadoras pelo interior dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro, por meio das missões populares, quando divulgaram profusamente as lendas referentes à Senhora Aparecida. O nosso povo, humilde e distante das fontes puras da Bíblia, aceitou, ingenuamente e sem qualquer exame, essa fábula que também eu em criança ouvi.

Pelo confessionário, os redentoristas impunham aos fiéis, narcotizados com as suas mentiras e modelados aos seus caprichos, penitências de rezar fórmulas especiais à Aparecida e de ir ao seu santuário em romarias.

O povo, desprovido de recursos essenciais a uma subsistência condigna e imerso nas trevas do analfabetismo, é sempre presa fácil dos embusteiros, máxime quando se apresentam revestidos de roupagens exóticas e com a voz repassada de acentos ameaçadores.

Os pregoeiros do “aparecidismo” espalharam entre o nosso pobre e abandonado povo, no intuito de fanatizá-lo e escravizá-lo mais, aquela deslambida “Oração a Nossa Senhora Aparecida para pedir sua proteção”, que assim começa: “Oh! Incomparável Senhora da Conceição, Mãe de Deus, rainha dos anjos, advogada dos pecadores,...” Em seguida a esta relação de tantas heresias, o povo brasileiro suplica-lhe que o livre da “peste, fome, guerra, trovões, raios, tempestades e outros perigos e males que nos possam flagelar”.

Aconselhado pelo missionário, o simplório cola o papel dessa reza atrás das portas da sua casa e se supõe imunizado, protegido e livre de todas as suas desgraças.

Quando eu era pároco em Guaratinguetá, num domingo, fui rezar missa numa capela da zona rural. Desabara durante a noite precedente um horrendo temporal. E a notícia lúgubre enchia de tristeza todos os moradores da região! Um raio penetrara numa choça e fulminara todos os seus moradores. Encaminhei-me para lá. Entrei no casebre. Olhos esgazeados de pavor, encontrei três corpos esturricados no chão. E atrás das portas toscas a protetora reza da “incomparável”...

As primeiras “santas missões” populares produziram os frutos esperados. Já em 1900 começaram as romarias. O novo bispo de São Paulo, Dom Antonio Cândido de Alvarenga, continuou o interesse do seu antecessor, Dom Lino, pela Aparecida, pois previa os resultados financeiros com o comércio da credulidade das massas. Em consequência, não só incentivou os vigários das paróquias a promoverem romarias, mas ele pessoalmente organizou uma.

A comercialização e a traficância da devoção à Senhora Aparecida tornaram-se rendosas, além de todas as estimativas, e o bispo de São Paulo não admitiu se tornasse ela paróquia da Diocese de Taubaté.

Com efeito, em julho de 1908, o papa Pio X desmembrou da Diocese de São Paulo, que abrangia todo o território do Estado, as dioceses de Botucatu, Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto e Taubaté. Esta incluía todo o Norte do Estado de São Paulo, desde o município de Jacareí, inclusive, até o limite do Estado Fluminense, à exceção de Aparecida que, apesar de encravada bem no centro do bispado de Taubaté, continuava pertencendo à jurisdição eclesiástica do arcebispo de São Paulo.

Ocorreu esta anomalia escandalosa como resultado da ganância do arcebispo, ávido de se locupletar com as fortunas continuamente depositadas nos cofres da Senhora Aparecida.

Em 1931, conforme já referimos, vieram sua proclamação e coroação como padroeira e rainha do Brasil, em execução de uma astúcia política.

Antes, o padroeiro do Brasil era “São” Pedro de Alcântara que, por haver sido membro de ilustre e principesca família espanhola durante o domínio da Espanha sobre o Reino de Portugal, obtivera de Roma esse “padroado”.

Os tempos eram outros e o povo brasileiro não se tornara fã do frade espanhol. Então, os “ordinários” brasileiros decidiram aposentá-lo e arranjar do papa um outro padroeiro.

Afora o prestígio popular, o candidato, por certo, precisaria satisfazer injunções políticas e ter a sua meca localizada onde houvesse maior concentração demográfica.

A paraense Senhora de Nazaré, a capixaba Senhora da Penha e o baiano Senhor do Bonfim, se bem que prestigiados popularmente em suas regiões, careciam satisfazer as outras condições. Cumprindo-as todas, a Senhora Aparecida foi a eleita.

Mais recentemente, em junho de 1958, o papa Pio XII criou a Arquidiocese de Aparecida, com o território da paróquia do mesmo nome desmembrado da Arquidiocese de São Paulo, e de outras paróquias retiradas da Diocese de Taubaté.

Não obstante, porém, todas as promoções em torno da divulgação dos “fatos” relacionados com a Aparecida, das demonstrações de fé na mesma, da romarias, de suas imensas riquezas... Não obstante os padres afirmarem (da boca pra fora!) que creem na aparição prodigiosa da Senhora Aparecida... Apesar da oferta da Rosa de Ouro pelo pontífice Paulo VI e sua aparatosa entrega em agosto de 1967... Apesar de tudo isto, até hoje, o Vaticano se conservou silencioso a respeito.

Desafio a qualquer padre de Aparecida a que me apresente um documento do pontífice romano pelo qual se haja pronunciado sobre a autenticidade dos “acontecimentos religiosos” pelo clero divulgados entre o povo.

Eles não aceitam o desafio porque nem o papa crê nesse “prodígio”. Bem ao contrário! Ele sabe que tudo é falcatrua. E falcatrua tão mal engendrada que nem é capaz de forjar documentos, tática tão de sua índole.

A fim de dar aos padres reptados uma dose de calmante, apresento-lhes o parecer do monge beneditino Estevão Bettencourt: “AS AUTORIDADES ECLESIASTICAS NÃO SE EMPENHAM POR DEFINIR A AUTENTICIDADE DE TAIS PORTENTOS, NEM MESMO A DOS EPISÓDIOS CONCERNENTES À APARIÇÃO DA SENHORA IMACULADA NO PORTO DE ITAGUASSÚ, EM 1717... A SANTA IGREJA, DE MODO NENHUM, ENTENDE FAZER DE TAIS RELATOS MATÉRIA DE FÊ...” (in “PERGUNTE E RESPONDEREMOS”, 71/1963, qu. 5).

Católico! Não continue enganado! Use a cabeça para raciocinar e não vá mais no conto do vigário! O próprio monge beneditino Estevão Bettencourt declara que aquilo tudo não é “matéria de fé”. Ele não crê! Nem o papa e nem os padres prestam fé aos seus relatos sobre a Senhora Aparecida!

.oOo.

A SANTA CAP,

“CAPITAL MARIANA” DO PAÍS

Elevada, em 1958, à categoria de Arquidiocese, só em 1964 recebeu o seu arcebispo na pessoa do Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, até então ocupante do sôlio paulopolitano.

Motta sempre se revelara interessado em promover Aparecida e, com habilidade política peculiar ao seu temperamento, conseguiu da Santa Sé contemporizasse a nomeação do seu titular, pois desejava ser ele o investido no munus de arcebispo da “capital brasileira da fé”.

Se envidara esforços para a sua instalação como Arquidiocese, parecer-lhe-ia de justiça instalar-se ele próprio em seu trono arquiépiscopal, embora 6 anos devessem decorrer como sede vacante.

Idealizara e empenhara-se em transformar Aparecida num dos centros católicos mais importantes do mundo.

Seria nesse intento insuficiente a devoção popular à Senhora Aparecida. Aliás, aquela efervescência de fé incrementada pelo IV Congresso Eucarístico de São Paulo, celebrado em 1942, fora passageiro.

Como arcebispo de São Paulo, a cuja arquidiocese pertencia a simples paróquia de Aparecida, Motta notara na segunda metade da década de 40 o decréscimo do número de peregrinos em proporção com o aumento populacional do País e com a imensa propaganda intensificada através da distribuição, sobretudo às paróquias, de imagens fac-símiles.

Insuficiente a devoção como fundamento para concretizar o seu sonho de criar a SANTACAP, à imitação dos grandes e antigos centros idólatras do mundo, como Éfeso com a sua Senhora Diana, em cuja honra se construíra uma das sete maravilhas do orbe, o Cardeal Vasconcelos Motta optou pela construção de um grande e soberbo templo. Uma Basílica gigantesca e de ricas proporções arquitetônicas a se credenciar ao orgulho do catolicismo brasileiro.

“O maior templo religioso do mundo, depois da Basílica de São Pedro, em Roma!!!”

A Basílica de São Pedro tem 200 metros de comprimento, incluindo-se o pórtico. A de Aparecida tem 170.

E, depois dela, vem a de São Paulo, em Londres, com 158 metros. Esta é seguida do templo de Liverpool, também na Inglaterra, que mede 154 metros de comprimento. Seguem-se-lhe o Duomo, em Florença, na Itália, com 150; o de Colônia, na Alemanha, com 145; o da Imaculada, em Washington, EUA, com 137; o Duomo, em Milão, com 135; o templo de Notre Dame, Chartres, na França, com 133; o de Sevilha, na Espanha, com 129; o de São João de Latrão, em Roma, com 124; o de São Paulo, no Brasil, com 100; o de S. Patrik, em Nova Iorque, EUA, com 99; o de Santa Maria Maior, em Roma, com 98; o de Beauprais, no Canadá, com 80 metros.

A nova Basílica de Aparecida, quando inteiramente concluída, terá 170 metros de comprimento por 150 metros de largura, cobrindo um espaço de 25.500 metros quadrados.

Por sonhar alto, o arcebispo aparecidólatra inclui no plano completo da obra outros departamentos, inclusive o prédio para a emissora radiofônica e de televisão. Em consequência, salta à vista a impossibilidade de se construir no cume do antigo Morro dos Coqueiros, onde se encontra a atual Basílica, apodada de velha.

Recorde-se o fato de haver sido esta erigida no alto daquele Morro em atenção às exigências da própria Senhora Aparecida, inconformada de ficar embaixo e, por isso, “fugia” da capelinha, indo postar-se lá em cima. As suas repetidas “fugas” revelaram (?) aos devotos a sua vontade de lhe ser dedicada uma capela no cocuruto do outeiro, inaugurada, aliás, em 1745, sob o hissopo do vigário José Alves Vilela, ao tempo, pároco em Guaratinguetá.

Esta pequena capela, quando, em fins do século passado, se incrementara a devoção aparecídica, se tornara exígua, foi pelo bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho, substituída por um templo no cume do antigo Morro dos Coqueiros.

Afigurava-se impossível desagradar a “santa” e contrariar-lhe a mariana vontade de ser instalada lá em cima da colina, cujos coqueiros cederam lugar ao casario que se comprime em suas rampas.

“Constrói-se o templo noutra lugar... E se depois a imagem aparecida não quiser ficar nele?”, decerto refletia o bispo que, aos 8 de dezembro de 1888, benzeu a então nova Basílica, hoje reputada velha, por ser anacrônica, obsoleta e superada.

Ao Cardeal Motta, embora se confesse devoto aparecidano, falecem aqueles escrúpulos.

“Como se conseguir tamanha construção lá em cima do Morro dos Coqueiros? Se são necessários 400 mil metros quadrados de área? Como derrubar todas as casas empoleiradas colina acima? Seria acabar com a cidade...”

A crer-se nos informes clericais, a imagem “milagrosa” saiu do lugar, por ela própria escolhido apenas duas únicas e rápidas vezes: quando de sua coroação no Rio de Janeiro, em maio de 1931, e, em 14 de julho de 1945, quando, em São Paulo, esteve numa manifestação político-católica.

“Tirar-se a imagem de lá, de sua querida Basílica, é arriscar-se ao desagrado da Senhora”.

Era isso que se proclamava em anos passados.

Se o arcebispo aparecidopolitano e empreendedor da nova Basílica acreditasse no “milagre” de haver ela própria escolhido o lugar do seu trono no topo da colina, esta construção seria lá em cima mesmo. Como incorreria em desobediência à Senhora? Jamais! Nem que fosse para gastar todos os milhões de cruzados depositados pelos fiéis devotos nos cofres aos seus pés instalados, com o fim de cobrir as desapropriações da cidade inteira.

Mas a AURI SACRA FAMES – a sagrada fome de ouro – fala mais, muito mais alto do que todos os seus escrúpulos...

E, como resultado, a edificação nova e descomunal da Basílica em outro local, iniciada em 1952, já se encontra acabada.

O mais interessante, porém, é que a Senhora mudou de opinião. Assanhou-lhe a vaidade a grandeza do seu novo templo. Para ela transportada, decidiu submeter-se à vontade cardinalícia e se acomodou em seu novo altar erigido num elevado octogonal, a 1,5 metros de altura, com 9 degraus e 10 metros de diâmetro. Ela gosta mais do bem-bom das novíssimas instalações...

Hoje, para evitar qualquer comentário da oposição ou o raciocínio de algum devoto mais inteligente, os padres deixaram de mencionar em seus relatos aparecídicos a antiga “vontade” (?) da Senhora fujona.

Nos planos clericais, a nova Basílica, pelas suas proporções arquitetônicas e pela sua suntuosidade, deve se constituir no grande motivo de atração de romeiros a elevar Aparecida à categoria de principal centro de peregrinação do mundo, dignificando este País, o mais católico de todos.

Este estilo românico-moderno cobre uma área construída de 25.500 metros quadrados, tendo à sua frente a Praça das Comemorações de 69 mil metros quadrados, com capacidade para cerca de 300 mil pessoas.

No interior do templo se estendem três naves de 22 x 40 metros cada, além das naves deambulatórias ou de circulação de 7 metros de largura cada uma num desenvolvimento de 340 metros. As capelas sacramentais, onde administram os chamados sacramentos do batismo, da confissão, da confirmação, da eucaristia e do matrimônio, são de 22 x 38 metros cada.

A torre imponente, levantada na superfície de 20 x 20 metros, atinge 100 metros de altura, abrangendo 16 andares, com 336 janelas de vidro com caixilhos e venezianas de alumínio e consumiu um milhão e meio de tijolos. Dois elevadores com capacidade para 60 pessoas transportam os visitantes. Erguida fora do templo, a ele se liga por uma galeria de 36 metros de comprimento, 8 metros de largura e 11 metros de altura. Como seria impossível deixar de ser, no interior da torre os padres instalaram um bar-restaurant e lojas.

Construída a Basílica em forma de cruz grega, a sua cúpula, como uma meia esfera, erguida bem no centro de toda a construção com o diâmetro interno de 34 metros e a altura de 60, cobre 2.327 metros quadrados e é revestida de alumínio anodizado a lhe fornecer uma cor dourada. Esta cúpula sustenta, num pequeno mirante, uma cruz grega de 3 metros de altura, sob cujo centro geométrico se eleva sobre 9 degraus o altar-mor da Basílica, de 10 metros de diâmetro, a ostentar, em nicho de ouro, a imagem da Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, recoberta de joias e pedrarias preciosas, onde imensa população padece de fome e sofre a carência dos recursos básicos para uma vida digna.

Ao redor deste soberbo altar-mor, em torno da plataforma, se enumeram 12 pequenos altares a permitir a celebração simultânea de 13 missas, o supremo culto idólatra do catolicismo, em homenagem à aparecidolatria.

* * *

Por considerarem antiquado o método, os padres redentoristas responsáveis pela administração da Basílica e pela promoção do aparecidismo, hoje em dia, deixaram de utilizar tanto as chamadas “santas missões” inculcadas pelo seu fundador, Afonso de Liguori, nos estatutos da ordem. Prevaecem-se de meios mecânicos de divulgação, como jornal e rádio.

A Rádio Aparecida, pela sua potencialidade, se emparelha com a grandeza material da nova Basílica e se capacita a atender os planos de incrementar sempre mais a aparecidolatria.

Reservaram-se 12 mil metros quadrados dentro da área dos 400 mil para erguer um prédio dividido em 3 pavimentos.

O térreo se reserva para um auditório com a capacidade de alojar 1.500 pessoas, que terão o seu cinema. No 1º pavimento, ficam os escritórios, uma capela e o salão nobre destinado às reuniões do Clube dos Sócios com cerca de 400 mil arrolados. O 2º andar se destina à instalação de todo o equipamento da Rádio Aparecida, que deverá ser a mais potente emissora da América Latina, e da futura TV, com 6 estúdios, um de gravação de peças teatrais e outro de gravação de discos e fitas, além da técnica central de comando dos estúdios e da discoteca, do departamento técnico e do almoxarifado.

É a técnica da comunicação superlativamente refinada a serviço da massificação do aparecidismo porque, dentro dos prognósticos clericais, o brasileiro deve continuar agrilhado aos seus embustes.

A SANTACAP, com a sua descomunal Basílica, pretende reviver a idade áurea da Senhora Diana, cujo templo se contava entre as sete maravilhas do mundo.

Aliás, em Éfeso, aos 11 de outubro de 431, se deu o início oficial da mariolatria com a proclamação do dogma de Maria Mãe de Deus.

Nesta era intitulada de pós-conciliar, quando muitos ainda supõem haver o catolicismo romano se transformado e aberto mão de certas doutrinas contrárias à Bíblia, inclusive as relativas a Maria, a religião do papa recrudescer e reaviva o culto mariolátrico acrescentando-lhe novos dogmas, como o de Maria Mãe da Igreja, que inclui os de Maria Co-Redentora, Advogada, Medianeira e Adjutrix, proclamado aos 21 de novembro de 1964.

Recrudescer e crescer o culto mariolátrico entre o povo pobre subjugado às suas feitiçarias, prestigiando os santuários marianos, centros de romarias e peregrinações.

O próprio papa Paulo VI, em 13 de maio de 1967, viajou até Fátima, em Portugal, com o propósito de officiar as comemorações cinquentenárias daquela Senhora.

À Aparecida ofertou o romano pontífice uma Rosa de Ouro, trazida por um Cardeal “a latere”, a assinalar a passagem dos seus 250 anos. Dom Humberto Mozzoni, o núncio papal no Brasil, no dia 5 de julho de 1969, ano de sua chegada, viajou à SANTACAP no intento de prestar o seu culto pessoal à Senhora Aparecida. “Vim à cidade de Aparecida”,

disse ele, “como todo o povo brasileiro, venerar Nossa Senhora Aparecida. E colocar sob sua proteção a minha missão no Brasil” (O Estado de S. Paulo, 6 de julho de 1969).

O Concílio Ecumênico Vaticano II deixou intactas as estruturas romanistas sobre as quais simplesmente passou uma caiação a fim de lhe dar novos ares. E só!

Deixou, outrossim, intocáveis os cediços métodos de envolvimento político tão do gosto multissecular do clero. Quando, em 1972, o Brasil celebrou o sesquicentenário de sua Independência, quis ele vincular-se oficialmente à sua programação. E, para se promover, nada melhor do que promover a aparecidolatria. Alegou, então, contra todas as evidências, haver Pedro I estado em Aparecida com o fim de rezar diante da imagem, na oportunidade em que pernoitou em Guaratinguetá, quando de sua viagem do Rio de Janeiro a São Paulo, onde proclamara dias seguintes a Independência de nossa Pátria.

Desprovido de qualquer pejo, reivindicou o clero a passagem por Aparecida do coração de Dom Pedro I quando, em 1972, foi de Portugal trazido em definitivo para o Brasil.

Desprovido de qualquer pejo e sem o receio de ser desmascarado, porque o povo evita o trabalho de raciocinar, pois em 1822 nada existia em Aparecida além da pequenina e tosca capela no alto do Morro dos Coqueiros, construída pelo ganancioso padre Vilela. Aparecida continuava ainda incógnita do beatério. Aparecida era ainda o Morro dos Coqueiros. E só Morro dos Coqueiros.

.oOo.

A ROSA DE OURO

No dia 15 de agosto de 1967, ano comemorativo do 250º aniversário do encontro da imagem de terra cota no porto de Itaguassú, a Basílica de Aparecida recebeu das mãos do Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, legado “a latere” de Paulo VI, uma ROSA DE OURO, munificência do sumo pontífice. Esta ocorrência serviu para assanhar a aparecidolatria. Mobilizaram-se todos os recursos a fim de assinalar o evento com estrepitosas solenidades.

Esculpida pelo prof. Mário de Marchis, constituiu-se numa jóia. Dois grandes ramos com folhas de ouro se entrelaçam até ao vértice onde se desabrocha a rosa, também de ouro. No lugar do pistilo da rosa engasta-se um opérculo, uma cápsula, que contém bálsamo do Peru e pó de almíscar, significando a fragrância da rainha das flores. Entre os dois ramos encontra-se esculpido o emblema de Paulo VI, pois ambas, a mariolatria e a papolatria, andam de parrelha. E na base lê-se a seguinte

inscrição: *“Paulus VI PM – Apparitiopolitanae aedi sacrae B.M. Virgini Imm. – DD. III Non. Mar. A + MCMLXVII”*.

A outros santuários marianos, como Guadalupe, Fátima e Lourdes, o pontífice Montini tem, outrossim, contemplado com o semelhante presente régio.

Nós, os brasileiros conscientes da espoliação sofrida pela nossa Pátria quando, ao tempo da sua Civilização, os clérigos carregaram o nosso ouro e transformaram Portugal num mero entreposto na execução dos seus planos de extorsão e chantagem, carreando essa nossa riqueza para os depósitos do romano pontífice; nós, os brasileiros conscientes, sentimo-nos indignados com este gesto do papa, pois desejamos que, em nome da Justiça, ele repare os crimes praticados contra o Brasil, devolvendo todo o nosso “metal precioso” guardado nos seus cofres vaticanos.

Dispensaríamos de bom grado o envio da ROSA DE OURO feita com as nossas próprias riquezas há séculos de nós roubadas.

Se esse presente se constitui num sarcasmo à Nação Brasileira espoliada em seus bens naturais pelo clero romanista, a ROSA DE OURO expressa sobremodo o contexto católico-romano de todas as eras.

Com efeito, expressa o catolicismo pós-conciliar, ainda mais alvorotado na mariolatria, porque, ao benzer na Capela Sixtina, aquela jóia, em 5 de março de 1967, quando a liturgia romana assinalava o IV Domingo da Quaresma, chamado Dominica Laetare ou Domingo das Rosas, o pontífice declarou na presença de uma representação brasileira: *“No Santuário de Nossa Senhora Aparecida, ela [a rosa] dará testemunho de nossa constante oração à Virgem Santíssima para que interceda junto de seu Filho pelo progresso espiritual e material do Brasil... Vamos a Maria para chegar a Jesus. Amando desse modo Nossa Senhora, poderemos compreendê-la em sua real grandeza e, através dela, chegaremos ao Cristo, filho de Deus”*.

Dispensam-se profundos conhecimentos bíblicos para se constatar à luz do Evangelho os absurdos desse pronunciamento do papa.

* * *

Se as palavras pontificias proferidas na oportunidade da bênção da ROSA DE OURO demonstram a relutância, a procrastinação, do catolicismo na idolatria, apesar da farta propaganda de suas reformas levadas a efeito pelo Concílio Ecumênico Vaticano II; se o envio dessa jóia é um insulto do clero romano ao Brasil, vilipendiado e espoliado por ele desde os primórdios de sua Civilização, quando aqui aportaram os primeiros missionários do embuste, a ROSA DE OURO comprova outra vez ser o catolicismo, embora rotulado com terminologia bíblica, a continuação e a sustentação do paganismo antigo.

Catolicismo e paganismo se equivalem porque são idênticos. Ou melhor, o catolicismo é o nome atual do paganismo encarregado de enxovalhar os vocábulos mais sagrados, inclusive o Nome Sacrossanto de Jesus Cristo.

Onde terá ido buscar o catolicismo a prática de se oferecerem Rosas de Ouro senão no paganismo antigo?

Efetivamente, na longínqua antiguidade, o paganismo celebrava a chegada da primavera e a uberdade da terra com típicas festas populares e cerimônias religiosas aos seus deuses, destacando-se as procissões, quando o povo levava braçadas de flores e as depositava nos altares dos seus templos.

O catolicismo, ao encampar quase todas as práticas do seu antecessor pagão, adotou também essas comemorações. Na Idade Média, quando o romantismo usufruiu o seu apogeu, recebia-se a primavera como a vitória sobre o inverno com procissões presididas por sacerdotes e bispos, em que os fiéis desfilavam portando flores colhidas nos campos e jardins, cristalizando-se assim o costume pagão.

No século X, a festa passou a ser celebrada no IV Domingo da Quaresma, Dominica Laetare, que sempre cai no princípio da primavera na Europa. Este domingo se apresenta como um parêntese de alegria no tempo penitencial da Quaresma, o período precedente à semana chamada santa.

Neste dia, o papa em Roma presidiu a procissão das rosas – daí o domingo se cognominar também o Domingo das Rosas – levando uma ROSA DE OURO com a determinação de oferecê-la a altos dignatários, igrejas ou instituições religiosas.

Encontra-se uma referência documental do ano de 1049 do fato de haver o papa Leão IX lembrado “a obrigação determinada ao mosteiro das religiosas de Santa Cruz de Tulle (Alsácia), em recompensa de terem sido isentas da jurisdição do bispo local e sujeitas diretamente ao sumo pontífice, do envio anual de uma Rosa de Ouro ou de doze onças do precioso metal” – que o papa destinaria, posteriormente, a eventuais ofertas.

A prática de se oferecer a Rosa de Ouro a santuários, catedrais, igrejas, dignatários eclesiásticos, príncipes, reis, imperadores, firmou-se como tradição e multiplicou-se enormemente durante o período de permanência dos papas em Avinhão (1305-1378). Dessa época até o século XV, quando se compôs a fórmula de sua bênção especial, expressando os seus simbolismos, até o século XV, a dádiva consistia apenas em uma rosa que, frequentemente, tinha também uma pedra preciosa incrustada.

A partir desse século, especialmente depois do papa Sixto V (1471-1484), acrescentaram-se-lhe ramos, folhas e botões, mantendo-se, com frequência, as incrustações de pedras de rara beleza e alto valor.

Têm sido oferecidas rosas valiosíssimas. Sabe-se lá quanto ouro brasileiro, transubstanciado nessas flores, já anda espalhado mundo afora, enquanto nosso País se submeteu a ingentes sacrifícios na ânsia e na busca de melhores condições, que o libertem do subdesenvolvimento.

Em 1886, Leão XIII, num impulso escandaloso de munificência perdulária, ofereceu à Rainha Cristina, regente da Espanha, uma Rosa

de Ouro composta de 9 flores, 12 botões e 100 folhas – tudo em ouro – sobre um vaso artisticamente trabalhado.

E sendo a Aparecida um capítulo integrante da estrutura idólatra do catolicismo, fica-lhe bem uma Rosa de Ouro, reminiscência de antigas práticas pagãs...

Com a rósea e áurea honorificência, “o papa deseja honrar a riqueza espiritual do Brasil”. Ofereceu-a ao santuário de Aparecida por se concentrar no culto a Maria toda essa riqueza. Sua entrega, a fazer jus ao seu valor intrínseco, ao seu simbolismo e à sua finalidade, deveria revestir-se de grande pompa.

Começaram estas com a especial distinção de ser o portador da preciosa jóia o Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, designado por Paulo VI o seu legado “a latere” para vir de Roma ao Brasil investido no munus de, em seu nome, depositá-la no altar da Senhora de terra cota.

O clero mobilizou todo o seu arsenal de recursos no sentido de recepcionar, à altura de sua dignidade, o Cardeal legado. Em sendo, outrossim, o papa chefe de um Estado, o Vaticano, cabia ao Governo Brasileiro a tarefa de distinguir o “nobre” representante com as honrarias atribuídas aos chefes de Estado.

A sagacidade do clero é inexcedível... Juntaram-se dois acontecimentos: o religioso e o político. Entrelaçaram-nos os padres porque, na conformidade dos seus propósitos, o acontecimento religioso do 250º aniversário de Aparecida deveria provocar um acontecimento político a envolver as mais destacadas autoridades da Nação. Governadores estaduais, chefes militares, ministros e o próprio Presidente da República, o Marechal Costa e Silva, lá compareceram no dia 15 de agosto de 1967.

O pontífice, o soberano do clero, ao enviar a ROSA DE OURO como símbolo religioso, aproveitou a oportunidade para, como chefe de Estado do Vaticano, estreitar relações políticas com os políticos brasileiros. Nesse intento, pois, ofereceu ao Presidente Costa e Silva um crucifixo de ouro trabalhado, do século XIX, que pertencera a um célebre poeta francês. Esta peça riquíssima fica assentada num pedestal de oliveira.

Ao Governador Abreu Sodré, de São Paulo, enviou uma medalha também de ouro.

Quanto ouro! E se propala a notícia sobre a pobreza dos padres... O presidente da República compareceu. Fizera-se acompanhar de sua esposa. Blindara-o rígida segurança sob a responsabilidade de 1.800 policiais.

Por acaso faltaria à Senhora Aparecida poder para protegê-lo? De fato, alguns incidentes provocaram desapontamentos.

O Presidente chegou de avião ao aeroporto da Escola de Especialistas da Aeronáutica de Guaratinguetá. Muitos jornalistas o aguardavam. À última hora, porém, cancelou-se o valor das credenciais fornecidas pelo Comando da Escola e os rapazes da imprensa ficaram impedidos de se aproximarem do Supremo Mandatário da Nação.

Na Via Dutra, porque o legado do papa fora de automóvel de São Paulo a Aparecida, 7 quilômetros antes de S. José dos Campos, três dos carros da comitiva do Cardeal se chocaram causando vítimas.

A grande massa popular postada fora da Basílica no aguardo do pontífice “a latera”, sofreu a inclemência da chuva intermitente e imprevista. E o acidente automobilístico provocou o atraso da chegada do cortejo cardinalício, obrigando os devotos à penitência mais prolongada das intempéries meteorológicas.

Estas ainda motivaram, à última hora, alterações em todo o programa.

Os aborrecimentos, todavia, foram um pouco compensados com alguns incidentes jocosos.

A Folha de São Paulo (16 de agosto de 1967) relata: “Enquanto o cardeal-legado não chega, o padre Antonio Siqueira, vigário da Basílica, fica no microfone. É quem provoca alguns sorrisos do Marechal e muitos da assistência. Seu apelido é “Dom Camilo”, por sua semelhança física e modos “acaipirados” de se dirigir ao público. Durante uma hora fez o povo dar vinte vivas a Nossa Senhora Aparecida, ao Presidente, ao cardeal-legado, às autoridades, a todo mundo. Depois da cerimônia, voltaria a puxar vivas e alertar, pelo microfone, os romeiros sobre o perigo de ladrões por lá”.

É! Ao Exército sobravam razões quando montou um dispositivo policial tão rígido em torno da pessoa do Presidente.

Se, junto da Senhora Aparecida, há tantos ladrões que em uma solenidade importantíssima o vigário da Basílica se vê na contingência de prevenir os fiéis contra os “lanceiros”, por que confiar na “santa”? Se ela não protege os seus devotos dos ladrões, acaso protegeria o Presidente de algum terrorista?

Ainda em seu exemplar de 16 de agosto de 1967, a Folha de São Paulo conta: “Durante a cerimônia religiosa, Costa e Silva saiu do seu ar sério e compenetrado. Um padre, junto com Dom Antonio Macedo, lhe trouxe, em pergaminho, a ata da solenidade da entrega da Rosa de Ouro”. Queria seu autógrafo no pergaminho, depois pediria o de todas as autoridades civis ali presentes...

O Presidente não conseguiu escrever com a pequenina caneta, especial para tinta nanquim. E borrou a sua assinatura depois de várias tentativas. Rindo, disse ao padre que “quando virem isso, vão pensar que o Presidente era analfabeto”.

A “sagrada fome de riquezas” rói o coração do clero. Dinheiro é a sua máxima preocupação. Enquanto fotógrafos e cinegrafistas, durante as solenidades, procuravam fixar o legado papal nos mais diversos ângulos, o então núncio apostólico, Dom Sebastião Baggio, comentou em italiano: “Se cada foto valesse um dólar, V. Excia. seria milionário”.

Exposta na Basílica de Aparecida, junto com a suntuosidade do templo e junto com a imagem, o móvel central de tudo, a Rosa de Ouro, “símbolo de Maria, a Rosa Mística, invocada na Ladainha Lauretana”, se tornou também objeto de culto.

Diante dela, os pobres devotos se ajoelham e através dela almejam obter bênçãos da padroeira.

Com os intestinos roncando de fome se prostram diante do ouro...

Jesus multiplicou pães para saciar os famintos e o papa multiplica rosas de ouro para, insultando a pobreza, agrilhoar as almas na escravidão da idolatria.

Esquece-se o papa do precioso sangue de Cristo, o Cordeiro Imaculado e Incontaminado... E exhibe ouro como se o ouro pudesse resgatar o pecador de sua vã maneira de viver. **“Não foi mediante cousas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”** (1ª Pedro 1.18-19).

Ao mencionar a **“vã maneira de viver”** ou **“fútil procedimento”**, o apóstolo Pedro se referia ao culto de imagens taxado pela Bíblia com as expressões mais contundentes como mentira, idolatria, falsidade, engano, adultério, prostituição e vaidade.

.oOo.

OS MILAGRES DE APARECIDA

O melhor processo criado pelo inferno para enganar os inadvertidos, anestesiando a consciência do pecador e confundir a pureza límpida do Evangelho foi o dos “prodígios miraculosos”.

O milagre autêntico só pode ser realizado pelo poder de Deus, pois se trata de um fenômeno que se dá além ou acima das leis da natureza, mudando o seu curso normal num caso particular.

Jesus, ao praticar muitos milagres, tinha em mira patentear a Sua Divindade. Nicodemos mesmo reconheceu-a por isso. **“Ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele”** (João 3.2).

O cristão aceita o milagre, porém, dentro das normas da Bíblia, a sua Única e Exclusiva Regra de Fé e Prática Religiosa.

Portanto, todo o prodígio contrário às normas e aos ensinamentos da Revelação Divina contida na Bíblia, não procede de Deus. Com efeito, Deus ameaça com terríveis castigos aqueles que acrescentarem ou retirarem dela qualquer coisa. **“A todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das cousas que se acham escritas neste livro”** (Apocalipse 22.18-19).

Ninguém tem o direito de acrescentar nada à Palavra de Deus; quem o fizer é mentiroso. **“Nada acrescentes às Suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso”** (Provérbios 30.6).

Em matéria religiosa, tudo o que estiver fora da Bíblia é um acervo de mentiras.

Satanás tem muito interesse em perverter as almas, apresentando-lhes doutrinas espúrias, contrárias à Revelação de Deus. Os seus sequazes andam soltos, fazendo prodígios até em Nome de Deus!

Relativamente a estes é que Jesus advertiu: **“Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome, e em Teu Nome não expulsamos demônios e em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade”** (Mateus 7.22-23).

Esses prodígios são iniquidade!!! Mesmo feitos em Nome de Deus, mas contra a Sua Santíssima Vontade revelada na Bíblia!

É uma iniquidade o que o clero pratica no Brasil, ludibriando o povo!

A Bíblia é categórica em proclamar: **“Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”** (1ª Timóteo 2.5).

A Bíblia é peremptória ao anunciar: **“Jesus se tem tornado fiador de superior aliança... por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”** (Hebreus 7.22, 25).

A Bíblia, repito, é explícita ao anunciar: **“Se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. E Ele é a propiciação pelos nossos pecados”** (1ª João 2.1-2).

Todo o Novo Testamento revela a Total Suficiência de Jesus Cristo, como Salvador, Mediador e Advogado.

Enganaram-se muitos evangélicos ao supor que o romanismo com o seu Concílio Ecumênico Vaticano II estaria disposto a reformar suas doutrinas nefastas, aproximando-se da Palavra de Deus e aceitando a Jesus Cristo como Único e Todo-Suficiente Salvador, Mediador, Intercessor e Advogado.

O romanismo, porém, conformou os seus velhos dogmas, contrários à Bíblia e engendrou outros...

Negando ao nosso bendito Salvador a exclusividade restrita e consequente de todos aqueles atributos, em discrepância absurda da Bíblia, exalta Maria como advogada, auxiliadora, protetora, medianeira, aberrando dos ensinamentos claros de Deus.

Engajada nesse mesmo torvelinho de heresias está a Senhora Aparecida sobre quem o Cardeal Vasconcelos Motta, arcebispo de sua Arquidiocese, escreveu, em 1º de janeiro de 1967, para comemorar o 250º aniversário de falcatura, uma carta pastoral, classificada pelo chaleirismo do órgão católico “O São Paulo” (22 de janeiro de 1967) como “um tesouro de magistério”.

Nesse “tesouro de magistério” – magistério do inferno porque absolutamente contrário à Revelação Divina e ignominiosamente

depreciador de Jesus Cristo! – nesse “tesouro de magistério”, repito, falando da Senhora Aparecida, como medianeira, advogada e intercessora, saiu-se o cardeal aparecidopolitano com esta heresia blasfema: *“Ora, intercedendo por nós, embora pecadores, a maior santidade, o maior nome e a maior dignidade, como poderá resistir a Justiça Divina ou negar a Sua Misericórdia a uma tão forte, suave e poderosa intercessão? Intercessão é o meio entre dois extremos; para ser poderosa e eficaz, há de tocar ambos: Deus, a quem intercede, e os pecadores, por quem intercede. E a Senhora posta entre Deus e os pecadores, quão chegada é a um e a outro extremo? É tão chegada a Deus que só lhe falta ser Deus: é tão chegada aos pecadores que só lhe falta o pecado”*.

Confrontem-se estas expressões pós-conciliares com a doutrina de Deus demonstrada nos versículos bíblicos acima citados. São incompatíveis!

Torna-se evidente que os “milagres” da Aparecida não procedem do poder de Deus porque não são consentâneos com a Sua vontade expressa em Sua Revelação, a Bíblia Sagrada.

Procedem, sim, do inferno para perverter as almas! Constituem-se na marca da apostasia!!!

Os seus pregoeiros e divulgadores se aliam com os falsos profetas referidos por Jesus Cristo: **“Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”** (Mateus 24.24).

A religião dos crendeiros aparecidanos consiste em fazer promessas e esperar milagres.

Anestesiados pelas mentiras ridículas com que os padres os ludibriam, por qualquer pretexto, fazem seus votos à “santa” pescada em Itaguassú.

A excêntrica “sala de milagres” revela como são entorpecidos na prática de uma religião de fábulas e embustes.

O devoto faz a sua promessinha de mandar uma fotografia para ser exposta na “sala dos milagres”, mas, ao mesmo tempo, coloca na pereba a pomada que o “doutor” receitou. Quando sara, foi milagre de Aparecida. Se não melhora, o médico é que não presta!

A moça se apavora com a possibilidade de ficar solteira e embarca, para se livrar dessa conjuntura, no primeiro bonde que aparece; e manda as tranças dos seus cabelos, como ex-votos, para serem dependuradas na “sala dos milagres”. Quem lucra são os padres porque vendem caríssimo aos fabricantes de perucas...

Um time de futebol sagra-se campeão de qualquer torneio, os seus jogadores vão, em romaria, levar à “incomparável” as esmolas das promessas.

No Concurso de Miss Brasil de 1956, ouvi pelo rádio o General Porfírio da Paz, devotíssimo aparecídico, invocar as bênçãos da Senhora Aparecida em favor das beldades semi-nuas.

* * *

Durante três anos frequentei assiduamente a Basílica e jamais vi um milagre...

Milagre, milagre mesmo, isto é, ressuscitar um morto, como Lázaro (João 11.1-45), dar vista a um cego de nascimento (João 9.1-7), fazer aparecer um braço no lugar do amputado, colocar um pulmão novo no lugar do extraído... ela nunca fez!

A Senhora Aparecida é tão incapaz em matéria de milagre que é uma coitada! Garanto que, se cair do nicho, espatifar-se-á no chão!!!

A sua cidade está cheia de aleijados, estropiados e cegos a mendigar pela ruas. Se os padres abastados de ouro e dinheiro não os socorrem porque são avarentos, a Senhora Aparecida, de sua parte, nem lhes dá atenção aos gemidos.

Ela é tão coitada que não tem poder nem de curar as lombrigas às crianças dos seus devotos. Por isso, a emissora faz propaganda de vermífugos.

Frustra-se o diabético que se socorre de sua valia... os padres da Basílica, então, reconhecem-na tão fraquinha que, por meio do seu jornal, lhe recomenda o “copo medicinal”.

Reconhecem-na tão ineficiente que, aos devotos alcoólatras, aconselham produtos farmacêuticos.

O “Santuário de Aparecida”, órgão “oficial da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida”, desapontou-se tanto com a impotência da “incomparável” milagrenta que, a par da propaganda e desengonçadas páginas, abriu um “Consultório de Medicina Caseira”, sob a responsabilidade do Frei Esculápio.

Ainda mais desapontados devem estar os seus devotos com a retumbante demonstração de impotência da “incomparável senhora” verificada na oportunidade da fuga da urso “Negrito” de sua jaula.

Os supersticiosos cismam com o dia 13 e pior ainda quando cai numa sexta-feira. Para aumento do medo deles, o fato ocorreu no dia 13 de setembro, sexta-feira, de 1968.

Um cidadão aparecidólatra, residente em Avaré, Estado de São Paulo, leu este fato numa das edições antigas deste livro. Revoltado, quis uma entrevista comigo. Interrogado sobre a fonte de informação a respeito, retruquei-lhe com a pergunta sobre o jornal que considerava mais sério e absolutamente idôneo em suas notícias.

Respondeu-me ser “O Estado de S. Paulo”, “um dos jornais mais importantes do mundo”.

Eis o relato desse órgão da imprensa paulista em seu exemplar de 14 de setembro de 1968: “A urso ‘Negrito’ escapou ontem de manhã de sua jaula no Zoológico de Aparecida do Norte, impôs à cidade três horas de pânico e medo, e acabou sendo capturada graças à habilidade do ‘capitão Álvaro’, domador do Circo Berlim, ora se exibindo na cidade. Uma guarnição do Corpo de Bombeiros e tropas da Força Pública e da Escola de Aeronáutica foram enviadas com urgência ao local”.

Depois de pormenorizar a fuga, prossegue o órgão: “A notícia espalhou-se, rápida, pela cidade, causando pânico. O socorro veio rápido também: Corpo de Bombeiros, soldados da Força Pública e da Escola de Aeronáutica da FAB, e todos os que supunham ter condições

de ajudar. Evitou-se atirar em 'Negrito', mas o trabalho para recapturá-la foi exaustivo e cheio de perigos. Por volta de meio-dia e meia, todos já estavam ficando exaustos e desalentados, quando o domador 'Capitão Álvaro', usando o laço com habilidade, conseguiu imobilizar a fera. Sangrando um pouco no focinho, 'Negrito' voltou à jaula, vigiada, agora, com atenção redobrada".

Porque a mobilização de tantas forças? Por que tamanho aparato bélico?

Lá não estaria a "santa" Aparecida para proteger os habitantes da cidade onde se instalou o seu trono? Não é ela a "incomparável" protetora?

Acaso assustara-se a Cidoca com os 2 metros de altura e os 480 quilos de peso da fera, que come, por dia, 40 quilos de polenta, 20 de maçãs, 5 de verduras e um litro de mel?

A "incomparável" protetora nem se apiedou do pobre veado campeão estraçalhado pela urso que, na hora da fuga, o arrancou da jaula.

Porque nenhum aparecidense confia realmente na "santa", o alívio só aconteceu quando todos se certificaram do reenjaulamento do animal feroz.

A Senhora Aparecida, no entanto, foi desmoralizada na sua impotência com a manchete de alguns jornais: "Ursa causa três horas de pânico" (O Estado de S. Paulo, de 24 de setembro de 1968); "Diabo esteve à solta 3 horas em Aparecida do Norte" (Diário da Noite, de igual data).

Em Aparecida se concentram, por ser excelente mercado, numerosos vendedores de bilhetes de loteria federal. Preferem os devotos-romeiros fazer a sua fezinha na SANTACAP porque, quem sabe, o palpite será abençoado pela "incomparável" Senhora com sorte grande. No dia da fuga de 'Negrito', todos os gasparinos foram vendidos e os bilheteiros ficaram impossibilitados de atender o enorme volume da procura. O resultado da loteria, porém, desapontou os apostadores: não "deu urso"!

A SANTACAP é o reduto da idolatria com todas as suas trágicas consequências.

Como IDOLATRIACAP é ROUBOCAP. EXPLORAÇÃOOCAP. MISÉRIACAP. PROSTITUIÇÃOOCAP. DESGRAÇACAP.

Os ladrões e marginais agem dentro e fora da Basílica. Lá estão os lanceiros batendo carteiras. E que autoridade têm os padres redentoristas se querem coibir semelhantes crimes? Se eles exploram a credulidade pública!

A exploração desbragada campeia no comércio. Nas lojas, inclusive dos clérigos, o que controla o preço é a aparência do freguês, que nem sempre consegue nota fiscal da mercadoria comprada.

Faz milagres a Senhora Aparecida? Por que, então, não purifica o ar da sua cidade, empestado pelo mau cheiro exalado do Rio Paraíba, onde se despeja o esgoto da cidade?

Porque ela não cura os miseráveis que se arrastam, mendigando, pelas ruas, como opróbrio da humanidade? Será que tão dolorido espetáculo não a comove?

Por que ela não faz o milagre de converter os padres em seres mais humanos?

Por que ela não sensibiliza os seus devotos romeiros excitados pelas raparigas, em número elevadíssimo, impedindo-os de entrar nos bordéis, onde se corrompem os corpos com a sífilis e doenças venéreas?

Porque ela não regenera essas desgraçadas mulheres traficantes de suas próprias carnes? Essas mulheres que se instalam em Aparecida exatamente por ocorrer lá maior procura do que a oferta?

Sim! A responsabilidade de tantas misérias materiais e morais recai sobre a idolatria, ensinada, divulgada, incrementada e explorada pelo clero...

* * *

A Senhora Aparecida é uma “incomparável” ingrata! Permite que recaiam sobre a sua cidade e o Vale do Paraíba as piores desgraças justamente quando lhe são oferecidas as mais solenes homenagens.

Não se construiu a sua grande Basílica, um dos templos mais soberbos do mundo?

O povo não tem aumentado as romarias em sua honra, quando em multidões se prostra adorante aos seus pés?

Não lhe foi oferecida uma ROSA DE OURO, símbolo do seu título de Rosa Mística e munificência do papa, o cognominado vigário de Cristo na terra?

Para o seu culto o povo pobre não tira da miséria dos seus filhos? Ingrata!!! Sim, ingrata, mil vezes ingrata que ela é!!!

No Vale do Paraíba nunca se ouviu falar em esquistossomose. Mas, em 1953 – no ano seguinte ao início das obras da nova Basílica – aconteceu o primeiro caso. E hoje a esquistossomose infesta todo o Vale do Paraíba. A praga está ali debaixo dos olhos da “miraculosa” Senhora, minando a saúde de milhares e milhares de pessoas.

Já em 1967, no ano da entrega da ROSA DE OURO, o Instituto Adolfo Lutz, de Taubaté, informou haver na região da Senhora Aparecida 2.161 casos comprovados de doentes de esquistossomose, distribuídos da seguinte forma, cidade por cidade: Taubaté, 474; Tremembé, 107; Pindamonhangaba, 500; Aparecida, 118; Roseira, 359; Guaratinguetá, 40; Lorena, 7; Caçapava, 152; Jambuí, 30; São José dos Campos, 243; Santa Branca, 14; Jacareí, 4; Monteiro Lobato, 2; Cachoeira Paulista, 2; Quiririm, 1; e Redenção da Serra, 5.

Note-se: A incidência do mal se acentua nas cidades mais próximas de Aparecida. Roseira, a mais próxima, por exemplo, dentre todas, se não é menor, é uma das menores. E, em 1967, apresentou 359 casos diagnosticados!

A ingrata recompensou a sua região, em 1968, logo depois de haver recebido a rósea e áurea honorificência pontificia, com uma longa seca.

Pelo seu poder de “incomparável Senhora”, se vinga dos devotos valendo-se até da meteorologia. Em dezembro de 1967, a leitura mínima do nível do Rio Paraíba foi de 2,66 metros. Em 1968, no segundo domingo de dezembro, o rio tinha seu nível fixado em 1,50 metros, caindo no dia 16 para 1,48 metros pela manhã e 1,40 metros à tarde.

A Barragem de Santa Branca, pertencente ao grupo Light (a grande empresa de energia elétrica dos principais centros industriais e populacionais do País: São Paulo e Rio de Janeiro) é uma das obras reguladoras do Rio Paraíba. Seu objetivo é gerar energia nas usinas que integram o aproveitamento do Ribeirão das Lajes, abastecendo várias indústrias, como a Usina Siderúrgica Nacional, sediada em Volta Redonda. Sua capacidade é de 424 milhões de metros cúbicos por segundo e sua vazão média, no local da barragem, é de 78 metros cúbicos por segundo. Em 1968, porque os índices pluviométricos foram muito abaixo do normal, faltou água para cobrir aquela capacidade, provocando enormes prejuízos às populações trabalhadoras da região e ao próprio País.

Se a ingratidão da “santa” se revelou nessa longa estiagem, manifestou-se também com o forte temporal desabado durante meia hora depois, em 26 de dezembro de 1968, inundando toda a parte baixa de Aparecida e derrubando, em consequência, muitas casas. Casas dos pobres. Daqueles que conservam afixada na porta ou na parede da sala de oração: “Oh, incomparável Senhora...”

Retribuiu a Senhora o início das obras de sua majestosa e arquibilionária Basílica, em 1953, com o início da esquistossomose no Vale do Paraíba, a proliferar assustadoramente. Que se cuidem as autoridades sanitárias porque, da Senhora Aparecida, os seus devotos só podem esperar ingratidão. Que se cuidem estas autoridades porque de Aparecida as multidões deromeiros ávidos das “graças”, voltarão para suas cidades levando, como desgraçado presente o vírus da esquistossomose...

Retribuiu a Senhora a ROSA DE OURO com aquela longa estiagem e com a tromba d’água.

Terá a ingrata retribuído também a criação de sua Arquidiocese?

É claro! Em 1958, o ano da instalação da Arquidiocese de Aparecida, aconteceu no Vale um estado de calamidade pública com a proliferação da raiva demossina (semelhante à raiva canina, conhecida também como “hidrofobia”). É uma doença infecto-contagiosa e se inclui entre as zoonoses, isto é, transmite-se dos animais ao homem, tornando-se letal. Primariamente, é transmitida por morcegos hematófagos (que se alimentam de sangue). Pode, ainda, ser transmitida por outras espécies de morcegos, como os insetívoros (devoradores de insetos) e frugívoros (que se alimentam de frutos).

Uma das características do vírus é o seu tropismo especial pelo sistema nervoso (aloja-se de preferência nos centros nervosos da vítima) e, aí, em seu reduto preferido, não pode ser combatido e o enfermo (animal ou pessoa) morre.

O único combate à enfermidade é o preventivo por meio de séria profilaxia porque, uma vez manifestada, é impossível a sua cura.

Rebanhos de gado, em todo o Vale do Paraíba, ali nos redutos da “milagrosa”, foram dizimados. Muitas famílias se cobriram de luto com a morte de seus membros, embora, desesperadas, clamassem valimento da ingrata “incomparável protetora”...

Em 1968, além da estiagem e da tempestade, os focos de morcegos, portadores do vírus da demossina, cooperaram com a ingrata, cuja Basílica havia sido enriquecida com a ROSA DE OURO, espalhando outra vez o terror nas regiões aparecídicas.

A Senhora Aparecida faz-nos lembrar o mandamento do Senhor: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que Me amam e guardam os Meus mandamentos”** (Êxodo 20.4-6).

Deus não tem o culpado por inocente. **“Não inocenta o culpado”** (Êxodo 34.7). E a Sua Glória não a dá a outrem. **“A Minha glória não adou a outrem”** (Isaiás 48.11). Nem à Senhora Aparecida! E muito menos à Senhora Aparecida!!!

A “santa” aparecida no Porto de Itaguassú, em 13 de outubro de 1717, foi um estratagema do falsário clérigo José Alves Vilela. A sua trapaça, porém, foi tão mal feita que o clero, nesse legado de abusões, não encontrou ainda elementos para transformar a fraude em matéria de fé. Até mesmo para esconder a estátua disforme, cobre-a, de alto a baixo, com um manto azul, preso com a coroa de ouro, o que lhe dá o formato de triângulo.

Apesar de tudo, porém, vão os padres enganando o povo crenteiro. A atitude favorável a essa devoção, por parte do clero, visa exclusivamente a exploração comercial dos supersticiosos.

O monge beneditino Estevão Bettencourt, sócio desta empresa de especulação da credulidade pública, afirma que *“a bem da verdade, deve-se notar que tal atitude favorável é independente de qualquer pronunciamento da autoridade eclesiástica sobre a genuinidade dos prodígios que se narram em torno da Virgem e do santuário de Aparecida”* (in PERGUNTE E RESPONDEREMOS – 71/1963, qu. 5).

“A bem da verdade...” Leiam-se de novo as declarações do monge Bettencourt!

Que coisa!!! Os reverendos proclamam tanto a eficácia da devoção à Aparecida de terra cota, divulgam os seus “milagres” e expõem, em sala adequada, tantos ex-votos e não podem sair desta: nem esses “milagres” merecem qualquer pronunciamento oficial sobre a sua genuinidade...

Pestes, tempestades, doenças, secas, a “ingrata” não pode impedir... E permite – o que é pior de tudo – sejam assim ludibriados os seus devotos! É mesmo uma trapaça essa Senhora de terra cota!

Desde menino, ouvi muitas vezes da libertação de um escravo na hora de ser preso ao tronco, retalhado com chicote em castigo de sua fuga. Foi mentira! Isso não aconteceu.

Se quem nega a verdade desse episódio fosse um evangélico, logo sofreria insultos dos carolas fanáticos. Mas quem diz ser isso uma mentira, uma lenda fantasiosa, é o devoto Fred Jorge, em seu livro: “APARIÇÃO E MILAGRES DE NOSSA SENHORA APARECIDA” (Editora Prelúdio Ltda., S. Paulo, 1954). Este livro foi sacramentado com o *Imprimatur* que, por delegação do cardeal e sob a chancela da Cúria Metropolitana, lhe apôs o cônego J. Lafayette, posteriormente bispo auxiliar da Capital de São Paulo e, em seguida, bispo diocesano (“ordinário”) em Bragança Paulista.

Esse mesmo livro, sacramentado, indulgenciado e “aguabentado” por um solene *Imprimatur* do ordinário paulista, diz que, “para enumerar todas as graças concedidas seriam precisos muitos volumes de milhares de páginas...” (página 20). Propõe-se Fred Jorge colher alguns dentre aquela quantidade enorme, a fim de apresentá-los aos leitores. Contudo, por falta de autenticidade e seriedade nesses tantos, apresenta uns poucos apenas, esclarecendo a sua necessidade de usar de fantasia (página 22).

É! Depois de tanta fanfarronada, confessa-se fantasmagórico!

Teve razão aquele padre da Basílica que, em princípios do ano de 1961, me disse, referindo-se à Aparecida: “*Ela não tem valor algum. Nós gostamos dela porque nos traz muito dinheiro*”.

.oOo.

A IMAGEM EM PEDAÇOS E O BENZIMENTO DE JOÃO PAULO II

Fred Jorge anunciou a necessidade de “muitos volumes de milhares de páginas” para registrar a imensa quantidade de prodígios efetuados pela santa aparecida.

A lenda relata o princípio deles quando da vinda portentosa da “imagem verdadeira”. Diz a mistificação que, em outubro de 1717, num inexcédível milagre, a imagem caiu dos altos céus à terra, nas águas barrentas do Rio Paraíba. E não se quebrou, apesar de haver caído dessa distância infinita, imensurável.

Ora, em maio de 1978 (veja bem, em 1978), duzentos e sessenta e um anos após aquele portento, a referida imagem caiu do seu altar, de uma altura de, no máximo, três metros. E se espatifou em 175 pedaços. Segundo o noticiário dos jornais obtido dos próprios sacerdotes da Basílica, foram CENTO E SETENTA E CINCO PEDAÇOS. Ela tem apenas uns 40 centímetros de altura e se esfarelou em CENTO E SETENTA E CINCO ESTILHAÇOS. Fragmentos de barro seco, de terra cota... Essa a padroeira do Brasil! Incapaz de se preservar...

Bem que aquele sacerdote, tendo gracejado da minha crença na Aparecida, foi claro: *“Ela não vale nada. Tanto assim que, se cair do altar, se quebra. É de barro!!!”*

Com efeito, semelhante desastre desmascarou de vez o embuste. Somente um fanático, um cego espiritual consegue prosseguir na devoção à santa aparecida e esfarelada. Esses aparecidólatras fazem-me recordar do Salmo 115.5-8: **“Têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalparam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam”**.

Tornados inermes, são impossibilitados de abrir os olhos para enxergar o absurdo de tamanha credence.

Alarmaram-se os donos da Basílica. Às pressas, recolheram do chão os cacos da santa espatifada. Impunha-se pelo menos salvar as aparências. Dizem! Enviaram os reduzidos pedaços ao Museu de Arte Moderna de S. Paulo, incumbindo-o de reconstituir a santa. Remendada, colada, recomposta, retornou ao seu altar. Essa obra de restauração é considerada outro prodígio. Não posso, contudo, acreditar nessa reconstituição. Impossível juntar tantos e tão diminutos fragmentos colocando-os todos nos primitivos lugares devidos. Trata-se de outra mistificação consentânea com os hábitos multiseculares da padralhada.

Afinal, recomposta, a santa em triunfo foi reentronizada no seu lugar na Basílica.

Precisa ela prosseguir em sua ignóbil atividade de estupificar considerável parcela da população brasileira.

A “capital da fé brasileira”, a “estância religiosa” é igualmente um centro turístico com muitas opções de lazer e divertimento, e inúmeras oportunidades para os ladrões, assaltantes e punquistas, bem como traficantes de toda sorte de jogos de azar. Com efeito, em todos os grandes centros de romarias católicas do mundo inteiro se concentram os larápios e as prostitutas.

Lá em Aparecida os sacerdotes tudo exploram, sem qualquer pejo de extorquir os devotos. Desde um teleférico ao preço de 50 cruzados por pessoa (em outubro de 1987) até a subida de elevador ao alto da torre da Basílica, torre essa com 18 andares, ao preço de 10 cruzados por cabeça. É o elevador mais caro do planeta. Donos de incontáveis lanchonetes, restaurantes, instalações sanitárias, botequins, hotéis e lojas de “lembranças”, os clérigos de Aparecida exploram comercialmente muitos divertimentos para todos os gostos, a exemplo do parque de diversões do porte do Playcenter da Capital de São Paulo e um enorme circo montados dentro da área da Basílica Nacional.

Por haver gorado o projeto “Empreendimentos Nossa Senhora Aparecida” (ENSA), lançado em 1967 pelo Cardeal Rossi, então arcebispo de São Paulo abençoado, a Prefeitura de Aparecida quer agora edificar um plano de menores proporções.

Esquecem-se o alcaide e os vereadores locais dos gravíssimos problemas de estrutura, cuja superação exige urgência urgentíssima, e

se distraem com um plano de lazer. Na realidade, como se encontra a cidade de Aparecida é um escândalo de miséria. Miséria de sanitários integrados numa miserável e obsoleta rede de esgotos que despeja o volume de detritos no Rio Paraíba, emporcalhando as águas onde fora descoberta a imagem e que servem para dessedentar e envenenar a população. Miséria de água porque, além de poluída, pejeja por chegar às torneiras através de um precário serviço hidráulico montado há 50 anos. Miséria de planejamento, a causa de subir colina acima o casario, saturando desordenadamente a topografia.

Tendo desapropriado uma área de cinco alqueires, às margens do Rio Paraíba, com um projeto, em sociedade com o FUMESTE e a EMBRATUR, a Prefeitura projeta urbanizar e montar um variadíssimo parque de diversões. Os sacerdotes da Basílica recusam qualquer participação no investimento e o condenam, porque ele desvia considerável parte dos romeiros fregueses de suas firmas comerciais.

Como não restaurar (?) a imagem da santa espatifada, objeto e pretexto de tanta exploração religiosa e comercial? Ela há quase trezentos anos está arditamente instalada numa posição geográfica de fácil acesso para os habitantes dos maiores Estados da Federação: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná.

Vindo ao Brasil, onde passou duas semanas, em 1980, o romano pontífice João Paulo II, aos 4 de julho, lá esteve, celebrou missa, proferiu seu discurso e, erguendo em suas mãos papalinas a imagem “milagrosa” reconstituída, traçando com ela o sinal da cruz, benzeu o Brasil. Em seu exemplar daquela semana, a revista MANCHETE estampou a fotografia do ato benzetório.

Pobre Brasil! Sobre ele a completar suas bênçãos malditas, João Paulo II, a encarnação do anticristo, abençoa-o com ídolo aparecídico. Aparecido, poderia este País desfrutar de melhor sorte? País este que, sob a imposição de uma lei desonesta e arbitrária, a partir desse ano de 1980, como marco inicial de uma série imensurável de desgraças, guarda em homenagem culto à Senhora Aparecida o dia 12 de outubro como feriado nacional.

Enquanto perdurar em nossa Pátria a aparecidolatria, nunca será vitorioso o Brasil. Todas as desgraças sobre ele se abaterão. Todas as derrotas. A miséria material e espiritual. A indolência. A jogatina. A corrupção em acentuadíssima escala e em todos os escalões da Sociedade. Os cambalachos na política e nas transações comerciais. A roubalheira desbragada. O alcoolismo em impressionante ascensão. O meretrício com volume incontível de mães solteiras, culpadas pelos milhões de menores abandonados. A irresponsabilidade. A impunidade. A irreprimível violência. A politicalha sórdida. As clamorosas injustiças. As leis imoralíssimas. As autoridades corruptas. Tudo em espantosa decadência...

“Não há rei que se salve com o poder dos seus exércitos; nem por sua força se livra o valente” (Salmo 33.16). Nada deste mundo, absolutamente nada, resgatará o Brasil desse báratro em impressionante e irreprimível crescimento. Nem por meio dos “seus exércitos”. Nem pela “muita força” de qualquer Presidente da República.

A santa Aparecida, espatifada e restaurada (?) é a sua Senhora. Em franca e acintosa desobediência a Deus, o Brasil prefere uma Senhora. Prefere contrariar a magnífica e divina Promessa: **“Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”** (Salmo 33.12). Recusando o Senhorio de Deus, que os brasileiros arquem com o jugo da sua rebeldia!

* * *

É este capítulo, à guisa de posfácio, acrescentado nesta vigésima edição deste livro. Vinte e um anos depois do lançamento de sua primeira edição (aos 24 de junho de 1967) e quatorze anos do lançamento da sua décima edição (aos 26 de setembro de 1974), também ao ensejo de sua vigésima edição posta a lume em 12 de outubro de 1988, exibindo recentes fatos e novas reflexões, louvo ao Senhor Deus pelas centenas e centenas de almas, em resultado de sua leitura, libertas da aparecidolatria e tornadas crentes genuínas em Jesus Cristo que por Ele têm sido salvas.

O lançamento da presente edição, na data de 12 de outubro, o feriado nacional em culto da Senhora Aparecida, outrossim é um gesto de repúdio à lei arbitrária e imoral. Significa ainda a presença de brasileiros que estremecem de verdade a Pátria e anelam vê-la submissa a Jesus Cristo.

.oOo.

